



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FEAAC - FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA,
CONTABILIDADE E SECRETARIADO EXECUTIVO.

GABRIELY UCHOA SALES

ANÁLISE DO PERFIL DOS INVESTIDORES UNIVERSITÁRIOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS FEAACS

FORTALEZA

2012

GABRIELY UCHOA SALES

**ANÁLISE DO PERFIL DOS INVESTIDORES UNIVERSITÁRIOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS FEAACS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado a Universidade Federal
do Ceará, como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Bacharel
em Administração.

**Orientador: Prof. Dr. Jocildo
Figueiredo Correia Neto**

FORTALEZA

2012

GABRIELY UCHOA SALES

**ANÁLISE DO PERFIL DOS INVESTIDORES UNIVERSITÁRIOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS FEAACS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado a Universidade Federal
do Ceará, como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Bacharel
em Administração.

Aprovado em: __ / __ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jocildo Figueiredo Correia Neto
Universidade Federal do Ceará

Prof. João Cunha Silva
Universidade Federal do Ceará

Prof. Fabiano Rocha
Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho à minha família
que sempre me apoiou em todas as
minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me proporcionou tudo em minha vida e me deu a oportunidade de conquistar meu primeiro desafio: cursar Administração na Universidade Federal do Ceará.

Agradeço aos meus pais, Fernando e Gilciani por todos os anos de dedicação e contribuição, não só para minha formação profissional, mas por toda a minha vida. Agradeço sempre por todo o amor e por serem os melhores pais que Deus poderia ter me presenteado.

Agradeço a Nana, minha segunda mãe, por todo o carinho recebido durante minha vida e por toda a dedicação e amor que me foi destinado.

Agradeço aos meus irmãos, Caroliny e Matheus pelo apoio dado a todos os meus passos pessoais e profissionais.

Agradeço ao Prof. Jocildo, pela grande contribuição e dedicação na orientação deste trabalho, sem a qual não seria possível a conclusão do mesmo.

Agradeço aos meus amigos de faculdade, Luiz, Raphaele, Bárbara, Filipe e Rafael por todos os cinco anos de convivência, ajuda e amizade. E um agradecimento especial ao Luiz, que se tornou muito mais do que um amigo e me auxiliou diretamente na elaboração deste projeto.

“Seja um investidor consciente.
Invista bem para investir sempre.”

Silva Neto (2003, p.60)

RESUMO

Para a correta aplicação dos recursos financeiros são necessários estudos e análises em diversos fatores. Estes fatores são levados em consideração para a determinação dos objetivos e dos tipos de investimentos. Além disso, são analisados de acordo com o perfil de cada investidor. O objetivo deste trabalho é analisar o perfil dos universitários investidores da Universidade Federal do Ceará, *campus* FEAAC, além de analisar os fatores que influenciam a escolha, os objetivos e os tipos de investimentos escolhidos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os critérios de análise dos investimentos e sobre os perfis dos investidores. Em seguida, foi realizada uma pesquisa quantitativa-descritiva, com a aplicação de um questionário junto a uma amostra de alunos dos cursos ministrados no *campus* FEAAC, a fim de coletar dados empíricos que permitam o atingimento dos objetivos da pesquisa. Após a aplicação do questionário, realizou-se a tabulação dos dados, permitindo chegar a algumas conclusões, dentre as quais podendo-se ressaltar que os universitários apresentam um perfil moderado, aplicam em sua maioria na poupança e tem como principal objetivo a compra da casa própria.

Palavras-chaves: Investimentos – Fatores – Perfil – Universitários.

ABSTRACT

For the correct application of the financial resources, studies and analysis on several factors are necessary. These factors are taken into consideration for the determination of objectives and types of investments. In addition, are analyzed according to the profile of each investor. The aim of this study is to analyze the profile of academics investors of the Federal University of Ceará, FEAAC campus, in addition to analyzing the factors that influence the choice, the goals and the types of investments chosen. To this end, a bibliographical research on the criteria of analysis of investment and investor profiles. Then it was performed a quantitative-descriptive research, with the application of a questionnaire to a sample of students of courses taught on the campus FEAAC, in order to collect empirical data that allow the achievement of the goals of research. After application of the questionnaire, the tabulation of the data, allowing you to reach some conclusions, among them and emphasize that students present a moderate profile, apply mostly in savings and has as main purpose the purchase of home ownership.

Keywords: investments – factors – profile – University students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Três características básicas do investimento.....	19
Figura 2 - Ibovespa X CDI.....	24
Figura 3 - Relação entre risco e retorno.....	29
Figura 4 - Carteira Conservadora.....	32
Figura 5 - Carteira Moderada.....	33
Figura 6 - Carteira Agressiva.....	34
Figura 7 - Carteira Muito Agressiva.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos, Necessidades e Produto adequado.....	28
Quadro 2 - Objetivos e Horizonte Temporal.....	28
Quadro 3 – Diversificação.....	30
Quadro 4 - Tipos de Investimentos e suas características.....	35
Quadro 5 - Tipos e características dos Títulos Públicos.....	42
Quadro 6 – Principais tipos de investimento e sua remuneração.....	46
Quadro 7 – Estado civil.....	51
Quadro 8 – Idade da aposentadoria.....	53
Quadro 9 – Perfil do Universitários.....	56
Quadro 10 – Percentual para cada tipo de investimento.....	57
Quadro 11 - Frequência dos aportes de acordo com a renda.....	59
Quadro 12 – Principais investimentos do perfil moderado.....	61
Quadro 13 – Sexo dos investidores com perfil moderado.....	61
Quadro 14 – Perfil dos investidores casados.....	61
Quadro 15 - Experiência no mercado financeiro por curso.....	62
Quadro 16 – Investimento de alto risco dos universitários com experiência limitada.....	65
Quadro 17 – Rentabilidade x Risco x Liquidez.....	66
Quadro 18 – Experiência x Fatores analisados.....	67
Quadro 19 – Investimentos dos que aceitam algum tipo de risco.....	68
Quadro 20 - Risco de mercado x Principais características.....	69
Quadro 21 - Risco de liquidez x Principais características.....	69
Quadro 22 - Objetivo do dos universitários casados.....	70
Quadro 23 – Idade x Aposentadoria.....	70
Quadro 24 – Sexo x Perfil.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária.....	51
Gráfico 2 – Curso.....	52
Gráfico 3 – Semestre.....	52
Gráfico 4 - Renda.....	53
Gráfico 5 – Expectativa de renda daqui a cinco anos.....	54
Gráfico 6 - Justificativas para não investir.....	54
Gráfico 7 - Renda dos que não investem	55
Gráfico 8- Volume dos investimentos	57
Gráfico 9 - Frequência dos aportes	58
Gráfico 10 - Frequência dos aportes de quem aplica em poupança.	58
Gráfico 11 – Horizonte temporal dos investimentos	59
Gráfico 12 – Objetivos para os investimentos com menos de 1 ano	59
Gráfico 13 – Renda dos que não possuem reversa de capital para seis meses.....	60
Gráfico 14 - Perfil dos Universitários	60
Gráfico 15 - Experiência no mercado financeiro	62
Gráfico 16 - Aplicação em ações	63
Gráfico 17 - Aplicação em ações dos que informaram poder aplicar a partir de 40%.....	63
Gráfico 18 – Experiência dos que aceitam investir muito em ações	64
Gráfico 19 - Atitude sobre desvalorização da carteira	64
Gráfico 20 - Principal característica analisada	65
Gráfico 21 - Análise do histórico dos princípios de investimento	66
Gráfico 22 - Importância da rentabilidade	67
Gráfico 23 - Risco mais perigoso	68
Gráfico 24 - Objetivo do investimento	69
Gráfico 25 - Importância do horizonte temporal	71
Gráfico 26 – Horizonte temporal dos que informaram não fazer análise ...	72

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Justificativa	15
1.2 Problema	16
1.3 Objetivos	16
1.3.1 Objetivo geral	16
1.3.2 Objetivos específicos	16
1.4 Hipótese	16
1.5 Metodologia da pesquisa	17
1.6 Estrutura do trabalho	17
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO	19
2.1 Principais critérios de análise de Investimento	19
2.1.2 Rentabilidade	20
2.1.2.1 Rentabilidade observada <i>versus</i> esperada	20
2.1.2.3 Rentabilidade absoluta <i>versus</i> relativa	21
2.2 Liquidez	21
2.3 Risco	22
2.3.1 Risco de mercado	24
2.3.2 Risco de liquidez	25
2.3.3 Risco de crédito	25
2.3.4 Risco operacional	26
2.3.5 Risco legal	26
2.4 Critérios determinantes para a adequação do produto à necessidade do investidor	26
2.4.1 Objetivo do Investidor	26
2.4.2 Horizonte Temporal	28
2.4.3 Risco <i>versus</i> retorno	28
2.4.4 Diversificação	29
2.4.4.1 Risco sistemático e não sistemático	30
2.5 Perfis de Investidor	31
2.5.1 Conservador	31
2.5.2 Moderado	32

2.5.3 Agressivo.....	33
3 INVESTIMENTOS	35
3.1 Poupança	35
3.2 Certificado de Depósito Bancário (CDB)	37
3.3 Fundos de Investimento	38
3.4 Ações	39
3.5 Títulos Públicos com emissão do Tesouro Nacional	41
3.6 Previdência Privada	42
3.7 Títulos de Capitalização	43
3.8 Debêntures	44
3.9 Notas Promissórias	45
3.10 Principais tipos e sua remuneração	45
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	47
4.1 Classificação da pesquisa	47
4.2 Definição do questionário e a coleta de dados	48
4.3 Definição da população	49
4.4 Processo de análise dos dados	50
5 ANÁLISE DOS DADOS	51
5.1 Dados Pessoais	51
5.2 Investimentos	56
5.3 Princípios de Investimento	65
6 CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES.....	79

1 INTRODUÇÃO

Os jovens da Geração Y, segundo pesquisa realizada pelo *site* InfoMoney, costumam concentrar seus investimentos em operações de baixo risco, sendo bastante conservadores em relação às suas aplicações.

Dentre esses jovens, 82,1% aplicam em Poupança, 6% em CDB (Certificado de Depósito Bancário), 8,1% em fundos de médio risco, e apenas 0,9% em investimentos de alto risco e em ações, segundo pesquisa realizada pelo *site* InfoMoney (Em: <<http://www.infomoney.com.br/minhas-financas/noticia/2149842/quinto-dos-jovens-investidores-tem-plano-previdencia-diz-pesquisa>>. Acesso em: 03 setembro 2012) . Segundo Cláudio Silveira, sócio-diretor da empresa Quorum Brasil, em entrevista ao *site* InfoMoney, este fato se deve à dificuldade de entendimento de como as aplicações de maiores riscos funcionam e pela facilidade de explicação do funcionamento da poupança e de fundos de baixo risco.

“O principal problema é a dificuldade em compreender as informações disponíveis. Nós as temos e é fácil encontrá-las, mas muitos não compreendem o que está escrito ali, então o que acontece é que as pessoas partem para o contato pessoal e vão para os bancos. E essas instituições oferecem aquilo que é mais simples, no caso, poupança, previdência e fundos.” (D’ANDREA, 2012).

Outro ponto bastante decisivo para a escolha do investimento é a experiência dos familiares. “A discussão familiar também é decisiva. A poupança é algo da família. Um avô que conhece a caderneta vai passar seu conhecimento para seu neto, que vai aplicar em uma poupança”, como afirma Cláudio Silveira (D’ANDREA, 2012).

Levando em consideração estes pontos, o investidor deve primeiramente conhecer o perfil de investimento que melhor se adequa ao seu estilo. Para isso, existem testes que estão disponíveis em diversos sites, livros e revistas sobre economia. Com os resultados, o aplicador poderá conhecer o melhor tipo de investimento a ser efetivado.

Outros pontos também precisam ser levados em consideração para a escolha correta dos investimentos. Um dos principais fatores de análise são a

rentabilidade, a liquidez e o risco do investimento, conforme descrito em publicação no *site* Folha de São Paulo (Em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/364938-entenda-o-que-sao-o-risco-a-rentabilidade-e-a-liquidez-de-um-investimento.shtml>>. Acesso em: 04 setembro 2012).

Posterior à análise destes fatores, deve-se verificar os pontos que serão determinantes para a adequação do produto escolhido à necessidade do aplicador. Deve-se analisar o objetivo que o investidor deseja com a aplicação escolhida, o horizonte temporal do investimento, que significa o prazo que se espera adquirir o objetivo, o risco *versus* retorno da aplicação e a diversificação dos investimentos.

Com base no exposto, foi realizada uma pesquisa de campo com os universitários da Universidade Federal do Ceará – campus FEAAC (Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo), para que seja quantificado o total de investidores. Com essa pesquisa, pode-se traçar perfis, relacionando suas escolhas com os fatores analisados para a determinação do tipo de investimento.

1.1 Justificativa

Um dos principais fatores para a abordagem deste assunto, é que o investimento é um produto financeiro de atuação presente, porém com visão futura. Por isso, a pesquisa foi concretizada com jovens, para que possa inicialmente dimensionar quantos destes jovens universitários estão preocupados com seu futuro no âmbito financeiro.

Para ter como base nesse estudo, foi realizada uma pesquisa de campo na FEAAC com os estudantes do segundo semestre letivo do ano de 2012, a fim de identificar quais deles são investidores, em que investem e por quais motivos tomaram essa decisão.

Esta pesquisa evidencia como os jovens universitários do referido campus, que em sua maioria estão iniciando a carreira profissional, investem seus recursos. Podendo assim, formar o perfil dos investidores, e analisar os

investimentos realizados por eles e analisar seus planos financeiros atuais e futuros.

1.2 Problema

Existem vários tipos de investimentos disponíveis no mercado. Com isso, cada investidor precisa adequar a operação ao seu perfil. Apesar de haver os testes para auxiliar na definição do perfil, dúvidas podem surgir no momento da escolha do investimento e essas dúvidas variam de acordo com cada indivíduo.

De acordo com o exposto, define-se como problema a ser estudado: Qual o perfil dos investimentos realizados pelos universitários do campus FEAAC da Universidade Federal do Ceará?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analisar o perfil dos investimentos financeiros realizados pelos alunos universitários do campus FEAAC da Universidade Federal do Ceará.

1.3.2 Objetivos específicos

Para que se possa concretizar o objetivo geral, têm-se alguns objetivos específicos que se fazem necessários. O primeiro é identificar os investimentos mais utilizados pelos universitários da FEAAC. O segundo é evidenciar os principais fatores de análise de investimentos levados em consideração na hora da escolha do investimento pelos universitários. O último envolve descrever os objetivos almejados com os investimentos realizados.

1.4 Hipótese

Pode-se tomar como hipótese para possível solução do problema: o perfil de investimento dos universitários do campus FEAAC costuma ser mais conservador, facilmente identificado pelo fato de aplicarem em investimentos mais comuns, com menor risco de perdas.

1.5 Metodologia de pesquisa

O trabalho foi realizado primeiramente com levantamento teórico sobre o tema Investimento, com pesquisas bibliográficas. “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.183)

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo quantitativo-descritiva, com o estudo de descrição de população, esta sendo os alunos da Universidade Federal do Ceará – campus FEAAC. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.187), “Quantitativo-Descritivos - consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave.” A pesquisa com estudo de descrição de população se define como

os estudos quantitativo-descritivos que possuem, como função primordial, a exata descrição de certas características quantitativas de populações como um todo, organizações ou outras coletividades específicas. Geralmente contêm um grande número de variáveis e utilizam técnicas de amostragem para que apresentem caráter representativo. Quando pesquisam aspectos qualitativos como atitudes e opiniões, empregam escalas que permitem a quantificação;” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.187)

1.6 Estrutura do trabalho

O trabalho terá estrutura em seis capítulos. No primeiro são abordados a introdução, expondo a justificativa para a escolha do tema, o problema

analisado, os objetivos geral e específicos, a hipótese inicialmente adotada e a metodologia a ser aplicada em todo o trabalho.

No segundo, são tratados os investimentos financeiros, com levantamento teórico sobre o tema, expondo os principais fatores de análise de investimento, os principais riscos, e os fatores determinantes para a adequação destes produtos às necessidades dos investidores.

No terceiro capítulo, são expostos os principais tipos de investimentos e suas características.

No quarto capítulo, são realizados os procedimentos metodológicos, com o levantamento da pesquisa de campo realizada com os universitários do campus FEAAC.

No quinto capítulo, é feita a análise dos dados colhidos na pesquisa realizada, com a determinação do perfil de investidor dos universitários.

No sexto capítulo, é apresentada a conclusão geral da pesquisa, analisando se a hipótese adotada condiz com a realidade dos universitários pesquisados.

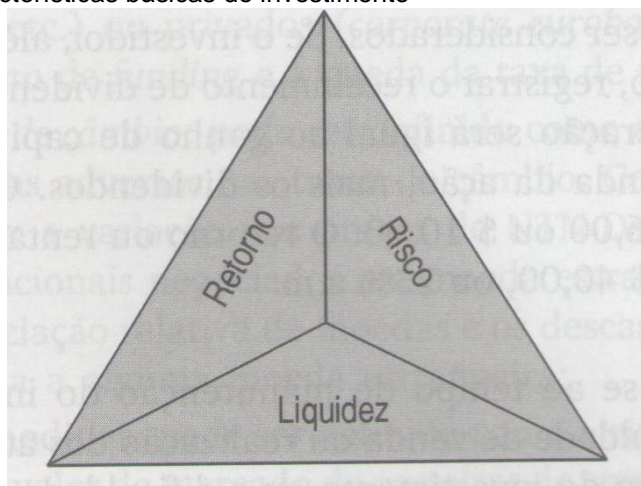
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Principais critérios de análise de Investimento

Para iniciar com a aplicação correta, o investidor precisa analisar alguns critérios que condizem com seus objetivos pessoais em relação ao tempo (curto, médio e longo prazo) e com o destino da aplicação (aposentadoria, compra de imóveis, reservas financeiras e etc.).

Segundo a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 122), existem três principais ressalvas para a decisão do investimento, sendo a primeira: “a análise do capital que se vai investir. Essa análise determina o nível de risco que se pretende assumir, o nível de ganhos que se pensa atingir, o nível de liquidez que se espera ter.” Portanto, determinam-se os três principais critérios a serem estudados antes de efetuar qualquer operação: rentabilidade, liquidez e risco.

Figura 1 - Três características básicas do investimento



Fonte: Bruni (2005)

É raro encontrar o benefício dos três critérios (rentabilidade alta, liquidez alta e risco baixo) simultaneamente em um único investimento, tornando-se características excludentes depois de certo momento (BRUNI, 2005, p. 242). Por isso, o investidor precisa escolher qual característica julga mais importante para a escolha do investimento e adequar isto ao objetivo pretendido com a operação.

2.1.2 Rentabilidade

A rentabilidade do investimento mostra qual foi o ganho ou a perda que o investidor teve no período de tempo determinado. A rentabilidade é um fator bastante determinante na escolha do investimento e, segundo pesquisa feita pelo Ibope Inteligência, a pedido da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), a rentabilidade é o critério de análise mais levado em consideração pelos aplicadores, com 32%, ganhando do risco de perda com 25% (Em:<http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?_pag_e=&cod=558912>. Acesso em: 10 setembro 2012).

Os investidores precisam ter cautela ao analisar a rentabilidade, pois existe uma tendência a analisar pela rentabilidade passada. Isto, não é recomendado, pois, nem sempre, o investimento terá o mesmo retorno ao longo do tempo e é preciso analisar também a inflação do período em que o título ficou aplicado, conforme afirma Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 121).

“A rentabilidade auferida pelo portador do título é chamada rentabilidade nominal. Essa rentabilidade, diminuída do valor percentual da inflação no período, dá como resultado a rentabilidade real ou efetiva. Esta rentabilidade pode ser positiva, negativa ou nula.” (ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS DISTRIBUIDORAS DE VALORES, 1979, p. 121).

Para que o investimento tenha uma alta rentabilidade, o risco deste investimento também será alto, como afirma Silva Neto (2003, p. 20), “O retorno de um investimento está diretamente relacionado ao seu risco: quanto maior for o ganho esperado, maiores serão as chances de realizarmos perdas. Lembre-se de que risco e retorno estão casados [...] se quiser levar o lucro para casa, o risco vai junto”.

Para isso, deve-se estudar a rentabilidade em diversos ângulos, dentre as principais: a observada, esperada, absoluta e relativa.

2.1.2.1 Rentabilidade observada *versus* esperada

A rentabilidade observada refere-se ao ganho ou à perda alcançada em uma operação realizada no passado ou até o atual momento. Esta rentabilidade pode ser expressa com um cálculo matemático simples e sempre se refere ao passado.

A rentabilidade esperada é uma forma de estimar o valor de retorno (ganho ou perda) que o investidor terá com sua aplicação para um período futuro. Não é possível determinar a rentabilidade de forma absoluta. Uma forma de apresentar esta rentabilidade futura é utilizando um *benchmark* (indicador de referência) (Certificação Profissional ANBID, 2008, p.5, Em: <[http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila Mod+ IV - Principios de investimento.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila_Mod+ IV - Principios de investimento.pdf) > Acesso em: 26 setembro 2012).

2.1.2.3 Rentabilidade absoluta *versus* relativa

A rentabilidade absoluta se refere a um percentual ou valor em dinheiro específico. Esta forma deve ser utilizada para expressar somente a rentabilidade observada.

A rentabilidade relativa é expressa como forma de índice, utilizando um *benchmark*. Esta forma pode ser utilizada para a rentabilidade observada e como forma exclusiva para a rentabilidade esperada (Certificação Profissional ANBID, 2008, p.6, Em: <[http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila Mod+ IV - Principios de investimento.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila_Mod+ IV - Principios de investimento.pdf) > Acesso em: 26 setembro 2012).

2.2 Liquidez

A liquidez refere-se à velocidade e à facilidade de transformar o investimento realizado em recurso disponível novamente, dinheiro em espécie, a qualquer momento a um preço justo no mercado.

Segundo a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 117), não existe uma definição precisa de liquidez, pois, a qualquer momento, o investidor pode vender seu título se estiver disposto a aceitar o valor determinando pelo comprador.

Para a conceituação mais precisa do termo liquidez, a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p.117) especifica três critérios: “a) um montante; b) um espaço de tempo para o cumprimento da ordem de venda; c) uma variação de preço em relação ao preço corrente, antes da oferta da venda do montante estipulado”.

Por isso, a velocidade com que ocorre a venda do ativo, sem perda expressiva de dinheiro, mostra o grau de liquidez do investimento. “Quanto menos a liquidez, maior o tempo do investimento ou a dificuldade para a sua realização, sendo o inverso verdadeiro” (BRUNI, 2005, p. 242).

Para que exista liquidez no mercado, é necessário ter sempre a presença de compradores, para poder realizar a aquisição dos ativos que o investidor procura repassar. A Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p.118) afirma que a liquidez do título depende tanto dos tomadores quanto da empresa emitente do título:

“A liquidez de um papel depende mais do comportamento dos seus tomadores do que propriamente da empresa emitente ou aceitante. Como, entretanto, a maior liquidez depende estritamente da maior difusão do papel por parte do emitente ou de seu distribuidor, este também é indiretamente responsável pela sua liquidez”.

Ainda conforma a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p.118), algumas empresas podem, no início do lançamento, para gerar maior atratividade para o papel, assegurar sua liquidez garantindo a recompra. À medida que o próprio mercado vai assegurando a liquidez do papel, a empresa emitente se desobriga pela recompra.

São considerados como investimentos de alta liquidez: fundos de investimentos sem carência, poupança, CDB DI com liquidez diária, ações e etc. Já imóveis e fundos de investimento fechados são considerados operações com baixa liquidez.

2.3 Risco

O risco se refere à segurança da operação, a incerteza de que o capital investido trará a rentabilidade esperada, no período de tempo determinado, podendo, em casos extremos, perder todo o capital que foi investido

inicialmente (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 53). Tipicamente, quanto maior a rentabilidade esperada pelo investidor, maior terá que ser o risco da operação.

“Sempre que alguém nos oferecer algo muito bom, atenção, o risco deve ser grande, afinal se é tão bom assim por que está sendo oferecido um retorno tão grande. Normalmente, negócios de alto risco pagam rendimentos maiores” (SILVA NETO, 2003, p.19).

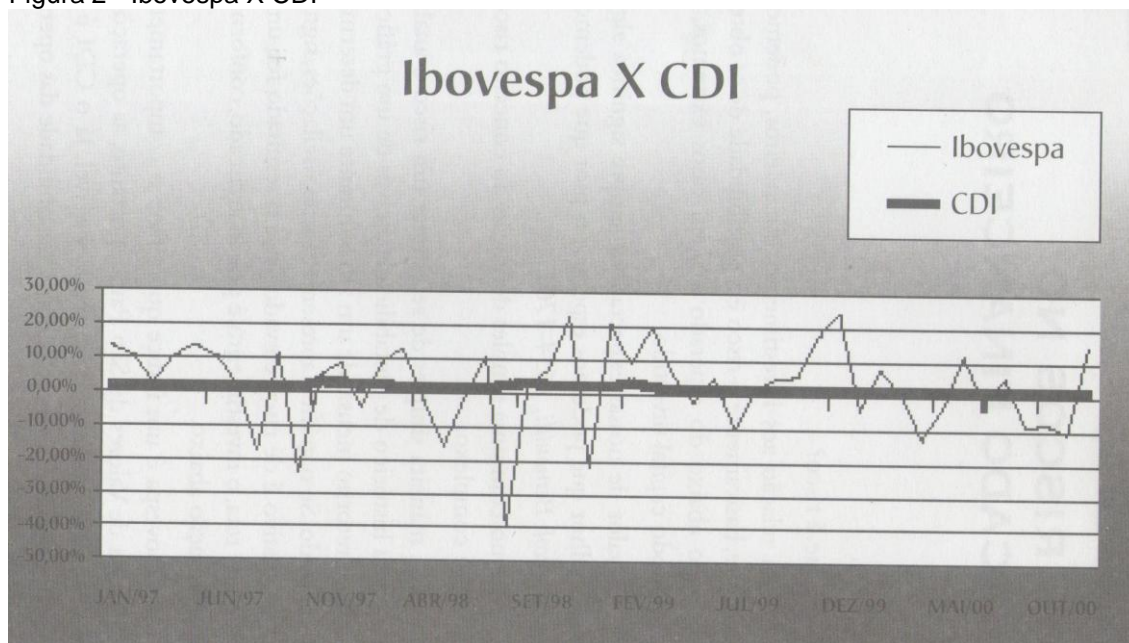
O risco não pode ser considerado como um critério que atrapalhe o investimento. Ele precisa ser gerenciado para que o investidor não tenha surpresas desagradáveis. “De modo geral, associa-se ao acontecimento de um resultado diferente do esperado e onde geralmente as probabilidades de ocorrência dos múltiplos resultados possíveis são conhecidas” (BRUNI, 2005, p. 242).

O gerenciamento do risco deve ser realizado conforme três passos importantes, definidos por Toscano Júnior (2004, p. 58):

“Identificação dos riscos: Determinar quais os riscos a que estamos expostos na aplicação ou operação financeira; Mensuração: Procurar medir ou conhecer os valores envolvidos e nossa tolerância quanto à perda envolvida; Administração: Solicitar a utilização de instrumentos que neutralizem ou minimizem o risco bem como acompanhar os índices de performance”.

O risco pode ser analisado por meio de um gráfico do histórico da rentabilidade de um determinado período. Se o gráfico mostrar uma variação grande, o investimento possui alto risco. No entanto, se o gráfico apresentar uma linha quase reta, mostra que possui um baixo risco. O gráfico abaixo mostra dois índices, o Ibovespa que mostra o desempenho da Bolsa de São Paulo e o CDI utilizado para mensurar as operações de renda fixa (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 54).

Figura 2 - Ibovespa X CDI



Fonte: Toscano Júnior (2004)

O risco está presente em todas as operações de investimento, mesmo as operações consideradas mais conservadoras, em maior ou menor escala. O risco pode ser dividido em cinco principais tipos: de mercado, de liquidez, de crédito, operacional e legal.

2.3.1 Risco de mercado

O risco de mercado é evidenciado pela oscilação de preço ou de taxa de juros dos ativos que pode proporcionar ganho ou perda para o investidor. Esta oscilação pode ocorrer devido a mudanças ocorridas no mercado econômico geral (BRUNI, 2005, p. 243) ou do segmento de mercado no qual a empresa está inserida.

Os preços dos ativos também podem variar de acordo com o mercado externo. Mudanças na política cambial, alteração na taxa de câmbio e questões tributárias de cada país podem trazer consequências nos preços e taxas de juros dos ativos.

Este risco influencia as operações de maneira diferenciada, conforme afirma Toscano Júnior (2004, p.56),

“Em um fundo de Renda Fixa composto predominantemente de títulos prefixados, devido a estratégia adotada pelo gestor, uma

pequena elevação na taxa de juros básica – Selic – seria suficiente para prejudicar a rentabilidade do fundo. O mesmo não acontece se o fundo possuir em sua composição papéis pós-fixado, pois, desta forma, a rentabilidade acompanhará a trajetória dos juros”

2.3.2 Risco de liquidez

O risco de liquidez se relaciona com a negociabilidade dos ativos. Este risco se torna evidente quando o investidor deseja realizar a venda de seus ativos e encontra dificuldade em comercializar por um preço justo dentro dos parâmetros estabelecidos pelo mercado. “Decorre da falta momentânea de recursos para o cumprimento de uma ou mais obrigações” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p.56).

A falta de liquidez geral do mercado em razão de mudanças políticas e econômicas, o que geram a redução de dinheiro em circulação e a dificuldade encontrada na negociação do próprio ativo, são alguns fatores de evidenciam o risco de liquidez.

Este risco pode ser gerenciado, devendo o investidor atentar para alguns aspectos: encurtar o prazo dos títulos de renda fixa, diversificar sua carteira, observar o histórico de liquidez do ativo e etc (Certificação Profissional ANBID, 2008, p.5, Em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila_Mod+ IV - Principios de investimento.pdf > Acesso em: 26 setembro 2012).

2.3.3 Risco de crédito

O risco de crédito está associado à possível falta ou atraso do pagamento pelo emitente do título em seu vencimento. Conforme afirma Toscano Júnior (2004, p. 56), “é o risco mais relevante, e está ligado à solidez das instituições ou empresas que emitiram os títulos. É o risco que envolve a perda em investimento devido à falência da empresa emissora ou mesmo pela deterioração da sua condição financeira”.

Este risco pertence a todas as operações que são emitidas por empresas de setores públicos ou privadas. Os únicos títulos que não têm este

risco são os públicos federais, pois não se considera a possibilidade de falta de pagamento pelo Tesouro Nacional.

Para diminuir este risco, o investidor deverá procurar diversificar sua carteira de ativos para possuir títulos de diferentes emissores.

2.3.4 Risco operacional

O risco operacional decorre de possíveis falhas e inconsistência de sistemas e por falta de controle adequado, fraudes e erros humanos.

“Podendo ser separado em áreas principais, representadas pelo risco operacional (que está relacionado a uma organização ineficiente) [...]; pelo risco das operações (que diz respeito a problemas como sobrecargas de sistemas) [...]; e pelo risco de pessoal (que se refere a problemas como empregados não qualificados ou pouco motivados)” (BRUNI, 2005, p. 244).

2.3.5 Risco legal

O risco legal decorre de uma possível contestação por meio jurídico dos contratos emitidos. Englobam riscos de possíveis perdas por falta de documentação, insolvência (quando o devedor tem prestação acima dos seus recebimentos), ilegitimidade e ausência de representatividade do negociador (BRUNI, 2005, p. 248).

Segundo Bruni (2005, p. 248), podem ser apresentadas três subdivisões: risco de legislação (risco oriundos de sanções por reguladores e ressarcimentos por prejuízos a terceiros por violações da legislação), risco tributário (perdas referentes a nova incidência de tributos) e risco de contrato (risco de perda definido por contratos mal elaborados e sem amparo judicial).

2.4 Critérios determinantes para a adequação do produto à necessidade do investidor

Para a melhor adequação do produto ao interesse do investidor, este deve escolher a operação que mais se familiarize com seu perfil, com responsabilidade e consciência. Devem ser considerados alguns critérios

essenciais que auxiliam na tomada de decisão: objetivo do investidor, horizonte temporal, risco *versus* retorno e diversificação.

2.4.1 Objetivo do Investidor

Para cada investimento realizado, existe um objetivo a ser alcançado pelo investidor. Este objetivo irá variar de acordo com as necessidades específicas de cada indivíduo. Para cada objetivo, existe um investimento mais adequado. “Ao longo de nossa vida, sentiremos a necessidade de economizar e, portanto, investir, por diversos outros motivos. [...] O importante é planejar e implementar seu planejamento” (SILVA NETO, 2003, p. 83).

Estes objetivos devem ser bem definidos antes de iniciar a aplicação e plausíveis de serem alcançados. Para objetivos de curto prazo o indicado é realizar aplicações de baixo risco, como afirma Silva Neto (2003, p. 83)

“existem vários outros projetos de curto prazo que devem ser observados [...] de forma geral, os investimentos para esses gastos são feitos em instrumentos de menor risco (como fundos de renda fixa), pois podemos necessitar deles em momentos não muito propícios para determinados investimentos.”

Objetivos de longo prazo também precisam ser estudados. Um dos objetivos de longo prazo mais importante é a aposentadoria, como afirma Silva Neto (2003, p. 82). “Nosso planejamento de longo prazo é o mais importante e, entre todos os nossos objetivos de longo prazo, talvez o da aposentadoria seja o mais necessário, mais até que a casa própria.”

O objetivo do investimento deve ser definido de acordo com a utilidade futura do valor aplicado. Poderá ser usado para: criar uma reserva de capital para períodos financeiros difíceis, adquirir um bem (casa, carro, moto), fazer uma viagem para o exterior, comprar uma roupa nova, aposentadoria ou, até mesmo para ter um crescimento do valor aplicado.

No quadro abaixo, exemplifica alguns tipos de objetivos e necessidades e relaciona com os produtos de investimentos mais adequados.

Quadro 1 - Objetivos, Necessidades e Produto adequado.

Objetivo	Necessidades	Produto Adequado
Reserva financeira para emergências inesperadas	O menor risco possível e alta liquidez	Produtos de taxa pós-fixadas, de prazo curto e com baixo risco de crédito
Reserva financeira de longo prazo para aposentadoria	Preservar o poder de compra da moeda contra a inflação	Títulos ou Fundos atrelados ao IGP-M ou IPCA. Carteira de longo prazo
Acumular recursos para um curso no exterior ou viagem de férias no exterior	Preservar o poder de compra na moeda estrangeira	Títulos ou fundos de investimento corrigidos pela moeda estrangeira
Dobrar o capital no período de 7 anos	Assumir posições de risco em busca de maior retorno	Ações, fundos de ações e fundos multimercados agressivos

Fonte: Apostila da Certificação Profissional ANBID (2008)

2.4.2 Horizonte Temporal

Os objetivos almejados pelo investidor têm um prazo determinado para sua realização. Alguns são feitos para o curto prazo (reversa financeira emergencial, reserva para cursos no exterior e etc.) e outros para o longo prazo (aposentadoria, dobrar o capital investido e etc.).

O horizonte temporal do investimento representa o tempo previsto para que o investidor obtenha seu objetivo.

Conforme Bruni (2005, p. 249), quanto maior for o horizonte temporal, maior poderá ser o risco assumido pelo investidor, já que terá maior tempo para poder recuperar a perda, que poderá ser compensada com outros ganhos ao decorrer do período, pois, ao longo prazo, os números caminham para a média.

O quadro 2, exemplifica qual o horizonte temporal será necessário para o objetivo almejado pelo investidor.

Quadro 2 - Objetivos e Horizonte Temporal.

Objetivo	Horizonte de Tempo
Reserva financeira para emergências inesperadas	6 meses
Reserva financeira de longo prazo para Aposentadoria	15 anos
Acumular recurso para um curso no exterior	3 anos
Dobrar o capital	7 anos

Fonte: Apostila da Certificação Profissional ANBID (2008)

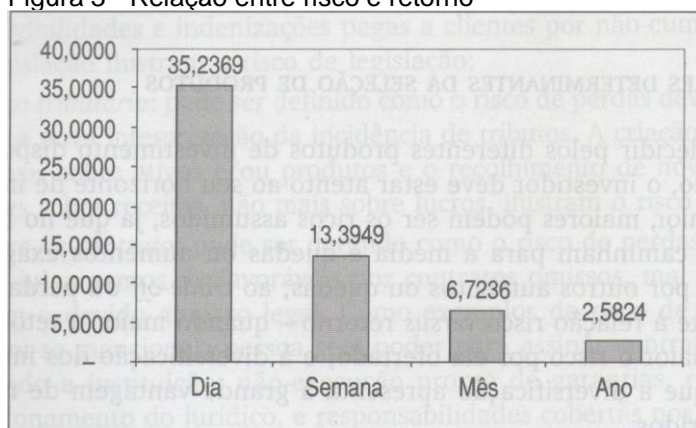
2.4.3 Risco *versus* retorno

O retorno alcançado por um investimento está diretamente relacionado com o risco do mesmo. Quanto maior for o retorno esperado pela aplicação, maior será o risco que estará relacionado a ela (BRUNI, 2005, p. 251).

Quando o investidor realizar uma operação, este deve observar não somente o horizonte temporal e o retorno. Deve, primeiramente, verificar qual o risco do investimento escolhido.

Conforme Bruni, quanto maior for o horizonte temporal do investimento, menor a relação entre o risco e retorno. Ocorre a redução do risco em relação ao retorno, em função do prazo estudado. Abaixo segue uma figura exemplificada por Bruni, em relação ao risco e o retorno do investimento.

Figura 3 - Relação entre risco e retorno



Fonte: Bruni (2005)

2.4.4 Diversificação

A diversificação dos ativos é utilizada como ferramenta para a diminuição dos riscos. Isto se deve ao fato dos preços dos diferentes ativos não estarem sempre na mesma direção, isto é, um ativo pode ter uma queda de preço e outro pode ter uma elevação no mesmo período. “Por meio da aquisição de diversos investimentos e de uma diversificação bem feita, investidores podem reduzir substancialmente os riscos, sem necessariamente, sacrificarem os retornos a eles associados” (BRUNI, 2005, p. 252).

A diversificação precisa ser bem analisada pelo investidor, já que não se trata somente da compra de vários ativos divergentes. Precisa ser estudado, pois existem dois tipos diferentes de risco: o sistemático e o não sistemático.

Bruni (2005, p. 253) exemplifica como a diversificação dos ativos pode reduzir o risco do investimento. As ações W e M costumam ter uma grande volatilidade no rendimento. Quando estão juntas em um único portfólio, verifica-se que quando uma das ações tem rentabilidade negativa, a rentabilidade do portfólio é compensada pela rentabilidade positiva da outra ação. Isso mostra que a diversificação pode trazer benefícios para os investidores, por meio da compensação de rentabilidade. Abaixo, segue o quadro referente a esta exemplificação.

Quadro 3 – Diversificação

Mês	Ação W	Ação M	Portfólio
1	40%	-10%	15%
2	-10%	40%	15%
3	35%	-5%	15%
4	-5%	35%	15%
5	40%	-10%	15%
Média	20%	10%	15%
Desvio	23%	23%	0%

Fonte: Bruni (2005)

2.4.4.1 Risco sistemático e não sistemático

O risco sistemático ou risco de mercado não pode ser diversificado já que se trata do risco relacionado a fatores externos à empresa. Relacionando-se com fatores políticos, econômicos e sociais (Toscano Júnior, 2004, p.55), nacionais ou internacionais (alteração na taxa de juros, mudanças na economia, alterações no fluxo de capital estrangeiro).

O risco de mercado pode trazer vantagens e desvantagens para o investidor, dependendo se a mudança política ou econômica for positiva ou negativa.

O risco não sistemático ou risco de empresa pode ser diminuído pela diversificação. Este risco se relaciona exclusivamente à empresa ou ao setor econômico no qual a empresa está inserida. “Deriva de fatos relevantes na economia que influenciam diretamente na formação de preços dos ativos, uma empresa ou setor isolado” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 55).

Para a redução deste risco, o investidor deve escolher ativos em diferentes setores da economia, com baixa correlação entre os setores.

2.5 Perfis de Investidor

Após observar todos os fatores referentes aos critérios para a determinação do investimento, o aplicador poderá determinar qual o seu perfil de investidor. Este perfil segue basicamente o critério risco, como pode ser observado na descrição dos perfis por Toscano Júnior (2004, p. 97)

“Dentro da política de investimentos observamos [...] quais os tipos de riscos e qual o limite de tolerância de perdas. [...] Caso a resposta seja zero, certamente o investidor possui um perfil conservador; já os mais tolerantes ao risco podemos acreditar que são investidores moderados e que estão dispostos a aceitar até um determinado limite de perda [...] mas, se o investidor procura uma alta rentabilidade sem importar-se com a perda do capital investido, ele pode ser considerado um investidor agressivo.”

Para a determinação do perfil de investidor, existem diversos questionários que podem ser respondidos. Estes questionários são essenciais para determinar se o investidor é tolerante ao risco ou não. “Estes sistemas são muitos comuns em sites de bancos e corretoras de valores mobiliários e auxiliarão você a identificar as melhores opções de investimento, indicando o portfólio ideal ao seu perfil” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 93). O resultado da pesquisa pode ser influenciado pelo panorama econômico nacional e internacional.

Ser investidor não é fácil e precisa de determinação, disciplina e estudo (Silva Neto, 2003, p.60).

2.5.1 Conservador

Investidores com perfil conservador procuram antes de terem retornos financeiros, desejam manter seu capital seguro e sem risco. “O investidor conservador não tem por objetivo ganhar, e sim preservar seu capital. Não admite perder ou ver a sua aplicação encolher” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 98).

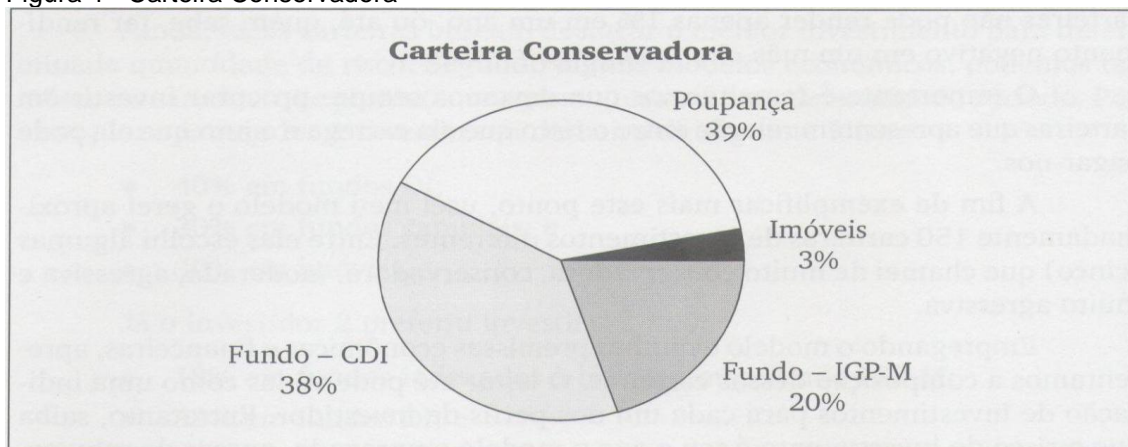
Normalmente, aplicam em investimento de curto prazo e com alta liquidez. Tem como principal objetivo a segurança dos investimentos.

Normalmente, aplica em renda fixa DI, e não pensam nunca em aplicação em ações e derivativos.

Segundo Rudge (1998, p. 227), o investidor mais comum é o conservador, já que operam com estratégias defensivas e com a maior preocupação a preservação do capital investido.

Silva Neto (2003, p. 89-90) buscou exemplificar, através de um gráfico, como poderia ser definida a carteira de investimento de um investidor conservador.

Figura 4 - Carteira Conservadora



Fonte: Silva Neto (2005)

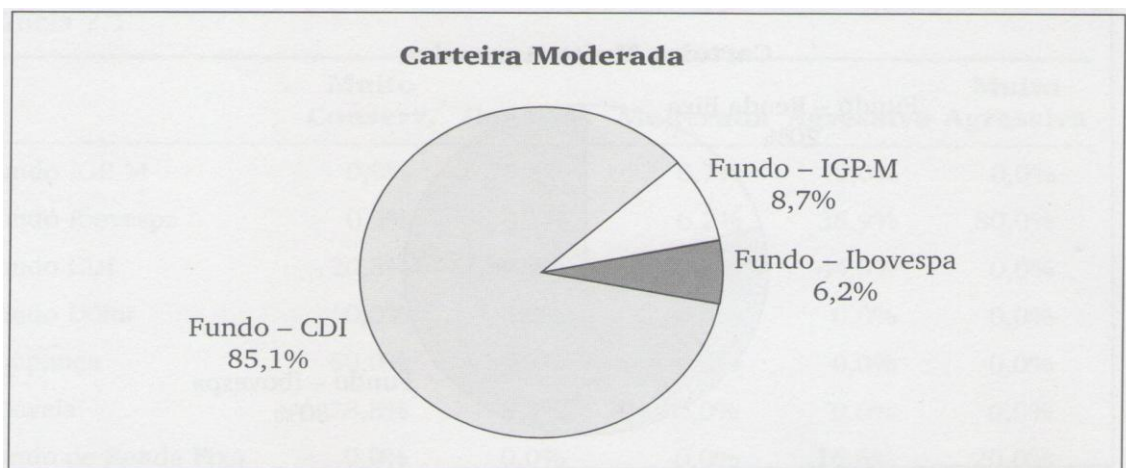
2.5.2 Moderado

Os investidores com perfil moderado estão dispostos a correr risco, mas um risco controlado e dentro dos parâmetros estabelecidos, para ter retornos financeiros. “Está disposto a correr alguns riscos para aproveitar as oportunidades de mercado, visando a um crescimento moderado do seu capital a médio prazo” (BRUNI, 2005, p. 262).

A segurança da aplicação também é considerada como importante, mas desejam sempre retornos acima da média. Por isso, estão dispostos a assumir pequenos riscos. Preferem investir em fundos de Derivativos e Multimercados.

Para Silva Neto (2003, p. 91), o investidor moderado já começa a investir na bolsa de ações (denomina por ele como fundo-ibovespa), porém com grande parte ainda em fundos de investimento.

Figura 5 - Carteira Moderada



Fonte: Silva Neto (2005)

2.5.3 Agressivo

O investidor com perfil agressivo não tem medo de perder seu capital e está disposto a arriscar muito para poder ter uma alta rentabilidade. “Busca retornos expressivos para os investimentos, mesmo que isso represente flutuações significativas, com resultados a longo prazo” (BRUNI, 2005, p.262).

Possuem muitos investimentos e com uma carteira bem diversificada. “O investidor com esse perfil pensa como um especulador, e não como um poupador” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 99).

Normalmente, aplicam em ações, fundos de ações e derivativos. São pessoas bem capitalizadas. Se houver perda de capital em algum investimento, vão à busca da recuperar a perda em outro investimento.

Segundo Silva Neto (2203, p. 61-62), o investidor agressivo, que prefere investimento com alto risco, necessita ter alguns cuidados:

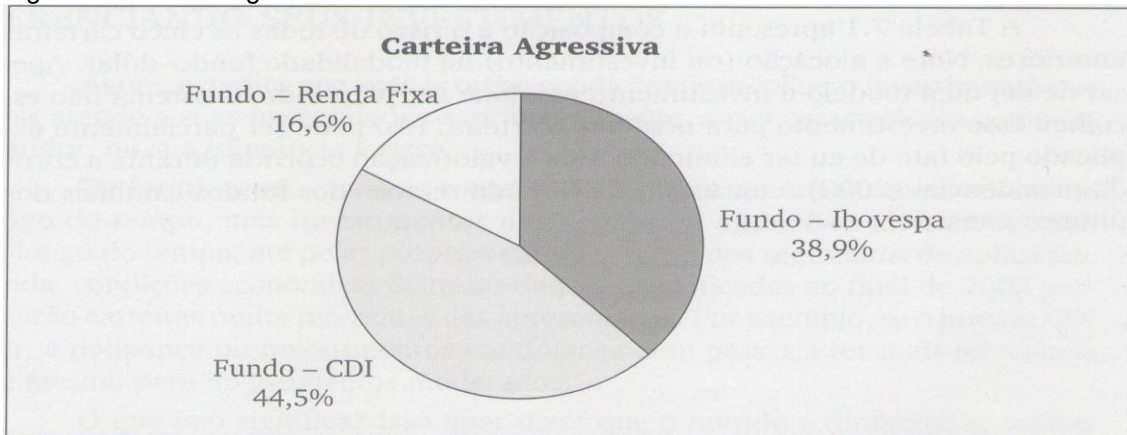
- “1) Se dica fosse boa ninguém dava, vendia!
- 2) Mais pessoas perdem dinheiro do que ganham.
- 3) O mercado não é difícil, nós é que somos.
- 4) Se você estiver errado, corrija o erro antes que seja tarde. [...]
- 7) O risco é seu melhor amigo, pelo menos todas as vezes em que você estiver certo.
- 8) Os investidores de muito sucesso têm apenas duas coisas em comum: muito dinheiro e disciplina. [...]

11) Quando todo mundo estiver comprando, venda. Quando todos estiverem vendendo, compre. [...]

14) Mercado há todo dia, dinheiro não. Portanto, planeje bem.”

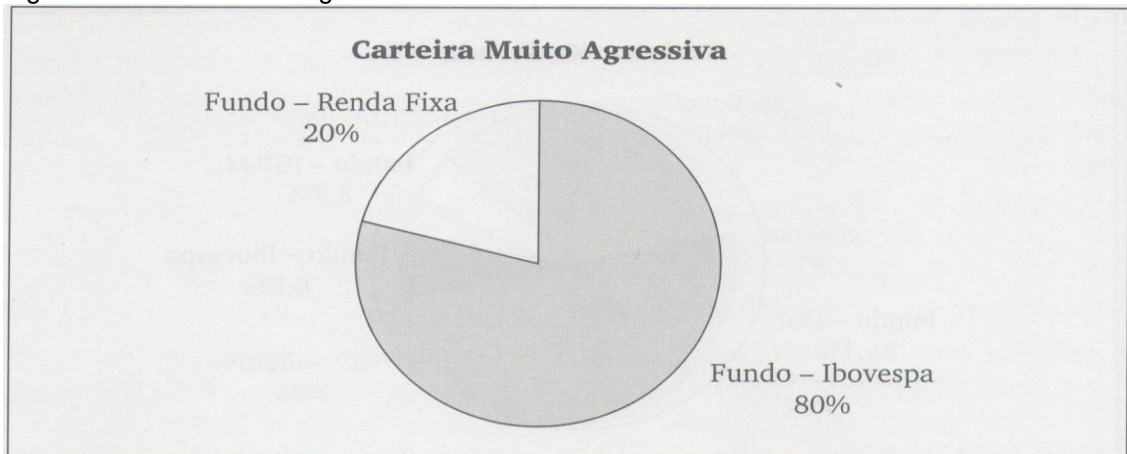
Silva Neto (2003, p. 91-92) exemplifica duas carteiras com perfil agressivo. Uma delas define como muito agressiva, por possuir mais de 50% em ações.

Figura 6 - Carteira Agressiva



Fonte: Silva Neto (2005)

Figura 7 - Carteira Muito Agressiva



Fonte: Silva Neto (2005)

3 INVESTIMENTOS

Existem diversos tipos de investimentos. Cada aplicação tem vantagens e desvantagem de acordo com suas características. “Na hora de escolhermos um investimento, devemos sempre pensar e avaliar se tal investimento está de acordo com nossas necessidades; devemos verificar quais são os principais problemas, ou características perigosas de cada um desses investimentos” (SILVA NETO, 2003, p. 58). Pode-se afirmar que a escolha correta dependerá do perfil do investidor e das características (liquidez, rentabilidade e risco) de cada produto.

Quadro 4 - Tipos de Investimentos e suas características

Investimento	Rentabilidade	Liquidez	Segurança
Poupança	baixa	alta	alta
Imóveis	baixa	baixa	alta
Fundo Renda Fixa	moderada	alta	alta
Ações	alta	alta	baixa

Fonte: Certificação Profissional ANBID (2008)

É preciso escolher corretamente para não ter prejuízos. “Rendas perdidas por má seleção de investimentos não fazem parte de qualquer estratégia, mas são capazes de atrasar objetivos de investimento e inviabilizar taxas de retorno projetadas pelo investidor” (RUDGE, 1998, p. 228).

Mas afinal, o que realmente é um investimento? O investimento pode ser definido pela ótica dos economistas como: “O investimento é a forma pela qual o dinheiro do poupador, aquele que oferece o capital, chega até o tomador de recursos, aquele que necessita de capital, dinheiro, para investir (produzir riquezas), ou simplesmente consumir” (SILVA NETO, 2003, p. 15). O tomador de recursos oferece como forma de retorno para quem investe a rentabilidade. Por outra ótica, pode-se afirmar que o investimento é tudo e qualquer coisa (bens ou direitos) que é adquirido para aumentar o capital inicialmente aplicado.

3.1 Caderneta de Poupança

A caderneta de poupança é a aplicação mais utilizada pelos investidores, conforme mostra pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Fractal: “38,9% dos brasileiros com renda mensal de até 800 reais investem na poupança. Entre os que ganham de 800 reais a 4.000 reais, 44,6% utilizam a caderneta. E entre aqueles que têm renda superior a 4.000 reais, 49,9% utilizam a poupança como meio de investimento.” (Em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/economia-e-financas/maioria-dos-brasileiros-prefere-poupanca-na-hora-de-investir-segundo-pesquisa/55159/>> Acesso em: 18 setembro 2012).

A caderneta de poupança sempre foi uma das maiores formas de aplicação, conforme afirma a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 85), “Havia, em meados de 78, 18,5 milhões de cadernetas de poupança abertas em todo o País, indicando que mais de 15% dos habitantes tinham sua caderneta”. Atualmente continua a ter uma grande popularidade entre os investidores, segundo pesquisa exposta pelo *site* Istoé Dinheiro. “Pela primeira vez na história, mais da metade dos brasileiros possui alguma economia depositada na caderneta de poupança. O investimento mais popular do País superou no primeiro semestre deste ano [2012] a marca inédita de 100 milhões de poupadores. [...] Considerando a estimativa oficial para a população, 53% dos brasileiros têm pelo menos uma caderneta.” (Em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/97656_POUPANCA+JA+CHEGA+A+MAIS+DE+100+MILHOES+DE+BRASILEIROS> Acesso em: 01 outubro 2012).

“É a aplicação mais simples e tradicional, sendo uma das poucas, senão a única, em que se podem aplicar pequenas somas e ter liquidez, apesar de perda de rentabilidade para saques fora da data de aniversário da aplicação” (FORTUNA, 2010, p. 371).

A caderneta de poupança consiste em aplicações com rentabilidades mensais e sua correção ocorre após trinta dias do depósito realizado, podendo ter vários aniversários (data em que o depósito é realizado). O poupador tem livre movimentação em sua conta, não podendo utilizar cheques. Sua rentabilidade depende da taxa Selic (Sistema Especial de Liquidação e Custódia), se esta ficar com 8,5% ou abaixo a poupança rende 70% da Selic mais a TR (taxa referencial). Se a Selic ficar acima de 8,5% o rendimento

passa a ser 6,17% ao ano mais a TR. (Em: <http://www.itau.com.br/investimentos/>> Acesso em: 02 outubro 2012)

A caderneta de poupança é indicada para investidores que não querem correr risco e que não possuem uma grande quantia em dinheiro para a aplicação, já que a poupança não gera uma alta rentabilidade.

3.2 Certificado de Depósito Bancário (CDB)

O CDB é um investimento de renda fixa, pós ou prefixadas, caracterizado como depósito a prazo, nominativo e endossável. É permitida a negociação antes do vencimento do título, observando as condições de cada instituição.

Em seu vencimento o CDB é creditado automaticamente para o investidor em sua conta corrente, pois sua renovação não é realizada de maneira automática. Pode ser transferido por endosso nominativo (BRUNI, 2005, p. 406).

O CDB possui duas formas de remuneração e taxas: taxa prefixada e taxa pós-fixada. As taxas prefixadas “são remunerados até o vencimento com base em taxas previamente acordadas e não têm prazo mínimo obrigatório” (BRUNI, 2005, p. 407) e nas taxas pós-fixadas o valor de resgate no vencimento só serão conhecidos pelo investidor no momento do resgate, pois as taxas são corrigidas de acordo com um referencial que “podem acompanhar o CDI, o SELIC, a TR, a TJLP ou a TBF” (BRUNI, 2005, p. 406).

Segundo Bruni (2005, p. 407), o risco mais incidente sobre o CDB é o risco de crédito, visto que a empresa emitente do título pode falir e não cumprir com suas obrigações. Para este risco, existe o Fundo Garantidor de Créditos (FGC) que cobre perdas do CDB em até R\$ 60 mil por cada cliente. Se o investimento for maior, precisará esperar a liquidação da empresa para verificar se conseguirá receber o restante.

Os tributos incidentes sobre o CDB são: Imposto de Renda e IOF. O Imposto de Renda é recolhido pela própria instituição financeira com alíquota variável, a depender do prazo de permanência, sobre o valor de rendimento (mínima: 15%, máxima: 22,5%). A alíquota do IOF é regressiva em relação ao número de dias do investimento, chegando a 0% no trigésimo dia.

3.3 Fundos de Investimento

O fundo de investimento é caracterizado por ser uma aplicação em forma de condomínio (aplicação em conjunto com outros investidores). Pode ser formado por um conjunto de títulos e valores mobiliários e por qualquer ativo financeiro existente. “Ao aplicarmos nossos recursos em um fundo de investimento, seja na modalidade de renda fixa, seja na de renda variável, temos a suposição de investimento em uma carteira e não um ativo único, pressuposto básico da Moderna Teoria de Finanças” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 55).

Conforme afirma a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 57), o primeiro fundo de investimento foi organizado na Inglaterra, no século XVIII, com a união do capital dos religiosos escoceses a fim de financiar atividades industriais, motivada pela Revolução Industrial. No Brasil, os fundos de investimento surgiram no pós 2ª Guerra Mundial.

“Os fundos recebem os recursos investidores por seus cotistas para a compra dos ativos [...] O administrador [do fundo] age em prol dos cotistas, que são legítimos proprietários dos ativos [...] e os beneficiários dos retornos obtidos” (FORTUNA, 2010, p. 551).

Os administradores dos fundos são os responsáveis para que o fundo traga os melhores resultados, porém isso não oferece garantias de bons retornos e baixo risco. Estes administradores precisam ser credenciados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

As vantagens do fundo de investimento, segundo Bruni (2005, p. 297-298) são acessibilidade, diversificação e liquidez.

A acessibilidade diz respeito a fundos de investimento que oferecem a oportunidade de pequenos e médios investidores terem acesso a mercados que sozinhos, provavelmente, não teriam acessos. Os fundos possuem um maior poder de barganha, já que compram um volume mais expressivo de papéis.

Com relação à diversificação, ao adquirir cotas de um fundo de investimento, o cotista, está comprando uma carteira diversificada (ativos de

renda variável e renda fixa). Isto reduz o risco em relação às aplicações financeiras.

Os fundos de investimento podem ser resgatados a qualquer momento, mantendo sua liquidez. Estes resgates podem ser feitos sem perda de rentabilidade, somente deduzidos o IOF e o Imposto de Renda. Alguns outros tipos de fundos de investimentos possuem resgate diário, oferecendo uma tranquilidade para os cotistas.

Em relação à rentabilidade dos fundos de investimento, irá depender basicamente da política adotada. Se muito agressivo, poderá afetar todo o capital investido, no caso de fundos com títulos de renda variável (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 68).

Nos fundos de investimento, é cobrada a taxa de administração e a taxa de performance. A taxa de administração é paga para os prestadores de serviço dos fundos, pela administração do mesmo. É uma taxa fixa que incide sobre o patrimônio do fundo, não depende de seu desempenho e “é descontada diariamente de própria rentabilidade do fundo de investimento. Portanto, o investidor não realiza nenhum desembolso adicional” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 86).

A taxa de performance é cobrada, em alguns fundos de investimentos, ao investidor se atingir um determinado desempenho, previamente acordado. Esta taxa “incide sobre o resultado acima de uma taxa de rentabilidade” (TOSCANO JÚNIOR, 2004, p. 88).

Os fundos de investimento podem ser classificados em: abertos, fechados e exclusivos. Os fundos abertos permitem a livre entrada e saída dos cotistas e suas cotas não podem ser transferidas para outro investidor. Os fechados têm limites de cotas estabelecidos, podem ter cotas transferidas e são feitos com um fim destinado. Os exclusivos são fundos feitos para um único cotista que possui um grande volume de recurso a ser investido no fundo, e oferece um atendimento mais personalizado.

3.4 Ações

As ações são tipos de investimento nominativos de renda variável. Os investidores que compram ações são considerados sócios da empresa e detém

uma fração de seu capital social, com direitos e obrigações. O sócio que possuir mais de 50% das ações ordinárias de uma determinada empresa, torna-se o sócio majoritário e controlador. Terá o poder de decisão sobre a empresa.

As primeiras ações foram criadas em 1407. “Em Gênova, o Banco de São Jorge, derivado da moratória de república Genovesa (que não podia pagar seus credores), surgiu como uma entidade cujo patrimônio era dividido em ações”, conforme afirma a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 2).

Existem dois tipos de ações: as ordinárias e as preferenciais. “Ordinárias, que concedem aos seus detentores o poder de voto nas assembleias [...] Preferenciais, que oferecem preferência na distribuição de resultados ou no reembolso do capital em caso de liquidação da companhia” (BRUNI, 2005, p. 348-349).

Os acionistas passam a ter direito a juros sobre o capital próprio e aos dividendos. Em caso de fechamento da empresa, os sócios (os acionistas) serão os últimos a receber algum valor como forma de retorno do capital investido, primeiramente será pago ao governo, funcionários, fornecedores e credores.

O mercado de ações é segmentado entre: mercado primário e mercado secundário. Segundo Fortuna (2012, p. 692), estes mercados podem ser definidos como: “o mercado primário, quando as ações de uma empresa são emitidas diretamente ou através de uma oferta pública [...] e o mercado secundário, no qual as ações já emitidas são comercializadas através das bolsas de valores”.

Como em todo investimento as ações possuem as três características básica: liquidez, rentabilidade e risco. Segundo a Associação das Empresas Distribuidoras de Valores (1979, p. 56)

“a liquidez é tão importante: quando o acionista pretende vender ações, deverá haver comprador para elas, ou seja deverá existir alguém que ocupe o seu lugar entre os acionistas da companhia [...] a liquidez está intimamente ligada ao fator preço [...]. A rentabilidade das ações de apresentada sob as seguintes formas: dividendos pagos pela companhia [...] ações novas dadas em bonificação [...] venda de direitos adquiridos sobre as ações [...] variação dos valores de cotação das ações nos pregões [...]. A segurança é fator de mensuração pessoal com relação às ações [...] se o acionista possui

ações de uma companhia que existe, física e legalmente [...] nem por isso pode-se dizer que esse negócio seja seguro.”

Todos os tipos de riscos são inerentes às ações, com exceção do risco de crédito, pois o investidor torna-se acionista da empresa e não credor.

Em relação à liquidez, as ações classificam-se em três grupos: de primeira linha, de segunda linha e de terceira linha. As ações do grupo de primeira linha são as que possuem maior liquidez e procura no mercado, normalmente são das empresas mais tradicionais. Os de segunda linha são ações menos líquidas, representadas por empresas de boa qualidade mais com um maior risco (mais sensíveis à flutuação do mercado). O grupo de terceira linha é caracterizado por empresas de médio e pequeno porte e com pouca liquidez.

As ações são negociadas na Bolsa de Valores, por meio das sociedades corretoras. O investidor solicita a venda ou compra da ação e a corretora executa no pregão (RUDGE, 1998, p. 150).

Segundo Bruni (2005, p. 353-355), são cobradas dos acionistas três taxas: corretagem, emolumentos e custódia. A taxa de corretagem é um valor percentual cobrado sobre o preço de compra e venda das ações. O emolumento é um valor cobrado referente aos serviços oferecidos pelas bolsas de valores. A taxa de custódia é cobrada aos acionistas pelas bolsas e corretoras, referente à guarda das ações, este valor é fixo independente do volume financeiro investido.

Incidente sobre as ações, 15% de Imposto de Renda sobre o valor do rendimento e 0,005% sobre o valor da venda. São isentos desta tributação vendas iguais e inferiores a R\$ 20 mil por mês, feitas no mercado a vista por pessoas físicas.

3.5 Títulos Públicos com emissão do Tesouro Nacional

Os títulos públicos são uma forma de o governo arrecadar dinheiro para financiar projetos e obras do governo. Estes títulos são bem aceitos pelos investidores, possuem uma alta liquidez e são considerados os ativos com melhor risco de crédito.

Estes títulos públicos somente podem ser emitidos pelo Tesouro Nacional, de acordo com a Lei de Responsabilidade Fiscal, conforme afirma Bruni (2005, p. 415).

Segundo Bruni, (2005, p. 418), os principais títulos públicos são: Letras Financeiras do Tesouro (LFT), Letras do Tesouro Nacional (LTN) e Notas de Tesouro Nacional (NTN-C e NTN-D).

Entre esses títulos, destacam-se por serem diferentes quanto ao pagamento de juros e sua remuneração. Os pagamentos de juros das letras são no vencimento do título e as notas pagam semestralmente. A remuneração é variada de acordo com cada título.

Quadro 5 - Tipos e características dos Títulos Públicos

TÍTULOS	LTN	LFT	NTN-B	NTN-C	NTN-D	NTN-F
PRAZO PARA EMISSÃO	Não há	Não há	Não há	Não há	Não há	Não há
PAGAMENTO DO JUROS	Vencimento	Vencimento	Semestralmente	Semestralmente	Semestralmente	Semestralmente
RENDIMENTO	Taxa Prefixada	Taxa Selic Over	IPCA + Juros	IGPM + Juros	Variação Cambial + Juros	Taxa Prefixada + Juros

Fonte: Elaborado pelo autor.

A tributação dos títulos públicos é igual à do CDB. IR é decrescente em relação ao tempo de permanência com o título (máxima 22,5% e mínima 15%). IOF decrescente, chegando a 0% no trigésimo dia.

3.6 Previdência Privada

Segundo Silva Neto (2003, p.75), os planos de previdência privada são de suma importância para manter o padrão de vida após a aposentadoria,

“Nós brasileiros de classe média temos um grande problema pela frente, ignorando por inúmeras pessoas: manter nosso padrão de vida após a aposentadoria. Sabemos que o sistema público de aposentadoria não concede benefícios condizentes com as necessidades de classe média.”

Desfrutar de uma vida confortável após a aposentadoria significa poupar durante toda a vida ativa para conseguir juntar dinheiro suficiente. Esta forma de poupar é caracterizada pela previdência privada. A previdência privada é feita em longo prazo e oferece a portabilidade para o investidor, ou seja, pode ser transferida para qualquer instituição.

Existem três principais planos de previdência privada, segundo Silva Neto (2003, p. 117): Fundo de Aposentadoria Programada Individual (FAPI), Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) e Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL).

O Fundo de Aposentadoria Programada Individual (FAPI) tem como finalidade o complemento da Previdência Social. O FAPI é caracterizado como um fundo de investimento em forma de condomínio que fica sendo administrado pelas instituições financeiras (FORTUNA, 2010, p. 625). Caso o investidor declare o Imposto de Renda completo, poderá utilizar 12% do FAPI para abater em sua renda bruta anual.

O Plano de Gerados de Benefícios Livres (PGBL) tem características similares às do FAPI, em relação à tributação do imposto de renda. No PGBL, o investidor escolhe entre três opções, qual delas seu investimento ficará aplicado:

- “1. Soberano: aplica em recursos apenas em títulos públicos federais.
2. Renda fixa: aplica em títulos públicos federais e outros títulos com características de renda fixa.
3. Composto: aplica os recursos em títulos públicos federais, outros títulos com características de renda fixa e até 49% em renda variável” (SILVA NETO, 2003, p. 117).

O Vida Gerador de Benefícios Livres (VGBL) é considerado também como complemento da aposentadoria e é ofertado por seguradoras e vinculados a um seguro de vida. O VGLB difere do PGBL quanto à tributação. “Se você não declara Imposto de Renda, ou a declara no formulário simplificado, provavelmente o VGLB é o mais indicado para suas necessidades” (SILVA NETO, 2003, p. 117). O IR, no momento do resgate, é descontado somente sobre o rendimento da aplicação, enquanto no PGBL é desconto sobre o montante total (valor aplicado + juros).

3.7 Títulos de Capitalização

O título de capitalização é uma aplicação diferenciada, onde os investidores além de acumularem o valor do capital investido, concorrem a prêmios.

“São um investimento com características de um jogo onde se pode recuperar parte do valor gasto na aposta. Sem a ajuda da sorte, o rendimento será inferior ao de um fundo ou de uma caderneta de poupança. Caracteriza-se, portanto, como uma forma de poupança de longo prazo, e o sorteio funciona como um estímulo”. (FORTUNA, 2010, p. 366)

O título pode ser resgatado antes do prazo determinada, porém deve cumprir um período de carência pré-determinado. Após este período o resgate pode ser efetuado e o valor a ser creditado para o investidor irá variar de acordo com tempo de pagamento. Segundo Fortuna (2010, p. 366) este tipo de investimento é interesse para o investidor que gosta de apostar, e caso não venha a ser sorteado terá de volta parte de seu investimento.

3.8 Debêntures

Debêntures são ativos de renda fixa, emitidos por sociedades não financeiras, com finalidade de obter recursos para financiamento de suas atividades de médio e longo prazo. As debêntures podem ser emitidas por empresas de capital aberto ou fechado, não podendo ser emitidas por Bancos (instituições financeiras).

As debêntures podem ser classificadas em três principais grupos (BRUNI, 2005, p. 409): conversíveis, não conversíveis e permutáveis. As conversíveis dão o direito ao investidor de transformar sua aplicação em ações da empresa emissora. As não conversíveis o investidor não pode transformar em ações e recebe a remuneração (juros) e correção monetária sobre o valor aplicado (semelhante ao CDB e títulos públicos). Os permutáveis concedem o direito de o investidor transformar seu investimento em ações que não as da empresa que emitiu a debênture.

A remuneração e o fluxo de amortização das debêntures são registrados na escritura e determinada pela empresa emissora. Pode ser emitida em renda prefixada ou pós-fixada. “Debêntures prometem ao comprados uma remuneração certa, num prazo determinado, por meio do recebimento de juros periódicos e reembolso do capital na data do vencimento” (BRUNI, 2005, p. 408).

O risco de mercado refere-se a uma depreciação no valor do título, em decorrência de fatores externos desfavoráveis. O risco de crédito é

caracterizado quando a empresa não honra com o fluxo de amortização ou com o valor no momento do resgate. A debênture não está garantida pela FGC (Fundo Garantidor de Crédito), porém pode ter alguma garantia se exposta na escritura.

As tributações das debêntures são iguais as dos CDBs e Títulos Públicos (IR decrescente a contar do tempo de permanência do título e o IOF decrescente, zerando no trigésimo dia de aplicação).

3.9 Notas Promissórias

As notas promissórias são títulos de crédito emitidos por empresa privada, que concede o direito crédito ao investidor contra a companhia emissora, a fim de conseguir crédito para capital de giro.

O prazo de emissão das notas promissórias varia de acordo com a forma de capital da empresa emissora. A empresa de capital aberto tem prazo máximo de trezentos e sessenta dias, enquanto as de capital fechado com prazo de cento e oitenta dias.

A rentabilidade normalmente é com taxas prefixadas. O título pode ser vendido antes de seu vencimento, através da transferência por endosso em preto. Pode ser solicitado o resgate do título depois de decorrido trintas dias (BRUNI, 2005, p. 414).

Em relação ao risco, Bruni (2005, p. 415) afirma:

“risco de crédito: decorre da capacidade de pagar do emissor, sendo influenciado pelas garantias prestadas [...] risco de mercado: decorre das variações no cenário macroeconômico [...] risco de liquidez: é reduzido em função do prazo relativamente pequeno das Notas Promissórias”

As tributações das debêntures são iguais as dos CDBs, Títulos Públicos e Debêntures.

3.10 Principais tipos e sua remuneração

O quadro abaixo ilustra os principais tipos de investimentos estudados relacionando-os com suas respectivas remunerações. Simplificando assim, a

tomada de decisão do investidor sobre qual o melhor tipo de aplicação para cada necessidade.

Quadro 6 – Principais tipos de investimento e sua remuneração

Investimento	Remuneração
Poupança	70% Selic + TR ou 6,17% a.a + TR
CDB	Renda fixa - Prefixada ou Pós-fixada
Fundos de investimento	A depender da característica do fundo
Ações	Renda variável
Títulos Públicos	Renda fixa - Prefixada ou Pós-fixada
Previdência Privada	A depender da característica da previdência
Títulos de Capitalização	TR
Debêntures	Renda fixa - Prefixada ou Pós-fixada
Notas Promissórias	Prefixada

Fonte: Elaborado pelo autor.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, será abordada a metodologia para a pesquisa de campo realizada. Consta dela a classificação da pesquisa, a definição do questionário e a coleta de dados, a definição da população com estabelecimento do universo e da amostra e o processo de análise dos dados.

4.1 Classificação da pesquisa

De acordo com Gil (2009, p. 17), “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Pode-se afirmar que a pesquisa é uma investigação, na qual o investigador busca obter respostas aos seus questionamentos.

O questionário para pesquisa de campo foi elaborado de acordo com o estudo bibliográfico previamente realizado. A pesquisa bibliográfica “é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema” (CARVALHO, 1998, p. 100).

Para a coleta dos dados primários, foi utilizada a pesquisa de campo, que possui como característica geral “o controle de variáveis com base no referencial teórico de cada área do conhecimento” (CARVALHO, 1998, p. 153). A pesquisa de campo, segundo Marconi (1986, p. 64) possui vantagens e desvantagens.

“As vantagens seriam: a) acúmulo de informações sobre determinado fenômeno [...] b) facilidade na obtenção de uma amostra de indivíduos, sobre determinada população [...] Desvantagens: a) pequeno grau de controle sobre a situação de coleta de dados e a possibilidade de que fatores, desconhecidos para o investigador, possam interferir nos resultados. b) o comportamento verbal ser relativamente de pouca confiança, pelo fato de os indivíduos poderem falsear suas respostas.”

Esta pesquisa foi classificada como quantitativa-descritiva. Quantitativa já que a pesquisa utiliza técnicas estatísticas para análise dos dados. Segundo Rodrigues (2006, p. 89),

“quando a abordagem está relacionada à quantificação, análise e interpretação de dados obtidos mediante pesquisa, ou seja, o enfoque da pesquisa está voltado para a análise e a interpretação dos resultados, utilizando-se da estatística”.

Descritiva porque reflete a descrição de um fenômeno. Como afirma Gil (2009, p. 42), “as pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

4.2 Definição do questionário e da coleta de dados

O questionário¹ utilizado para a realização da pesquisa de campo foi elaborado pela autora, com base em pesquisas bibliográficas sobre o tema estudado.

Segundo Marconi (1986, p. 74), o questionário “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

O questionário foi elaborado com 25 questões de múltipla escolha, dividido em três áreas: dados pessoais, investimentos e princípios de investimentos.

O questionário passou por um pré-teste com cinco alunos da amostra, para verificar se as questões estavam coerentes e de fácil entendimento. De acordo com Gil (2010, p. 108), no pré-teste analisa-se “tudo o que puder implicar a inadequação do questionário enquanto instrumento de coleta de dados”. O pré-teste foi aplicado na UFC, campus FEAAC, no dia 25 de setembro de 2012.

Os alunos que realizaram o pré-teste, tiveram dificuldade no entendimento do enunciado de algumas questões e sugeriram que outras fossem retiradas, pois estavam repetidas. Após as correções, o questionário foi entregue aos universitários da UFC, campus FEAAC para a realização da pesquisa. A entrevistadora, antes da aplicação do questionário, solicitou aos professores a permissão para adentrar à sala de aula para a realização da pesquisa. Sua realização ocorreu nas duas unidades da FEAAC, com alunos de todos os cursos (Administração, Atuária, Contabilidade, Economia,

¹ O questionário utilizado pode ser consultado no Apêndice A.

Secretariado Executivo e Finanças) que são ministrados no campus. O horário de entrevista ocorreu entre 18:30hr às 20:30hr, nos respectivos horários das aulas do turno noturno da Universidade.

A entrevistadora abordou os alunos em sala de aula, solicitando a colaboração de todos para a resolução do questionário. Para os alunos que se dispuseram a responder foram entregues, e a entrevistadora se retirou da sala, voltando vinte minutos depois para o recolhimento dos mesmos. O questionário foi aplicado entre os dias 29 de outubro de 2012 e 30 de outubro de 2012. Cada aluno só poderia responder uma vez.

4.3 Definição da população e da amostra

A população-alvo da pesquisa são os universitários da Universidade Federal do Ceará – campus FEAAC, que estejam em curso no segundo semestre letivo de 2012, sem limitador de idade.

O universo total dos universitários da FEAAC é de 3.536 alunos (N).
(Em: http://www.feaac.ufc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=23&Itemid=29 > Acesso em: 09 outubro 2012).

“Uma pesquisa geralmente não é feita com todos os elementos que compõem uma população. Costuma-se, neste caso, selecionar uma parte representativa dela, denominada “amostra” (RÚDIO, 2007, p. 62). A amostra estudada equivaleu a 2,6% do universo, totalizando 94 alunos (n). Esta quantidade refere ao erro amostral de 10% (e) e 95% de nível de confiança (Z), calculado através da fórmula exposta a seguir.

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde,

n: amostra calculada

N: população total

Z: variável normal padronizada referente ao nível de confiança

p: verdadeira probabilidade do evento

e: erro amostral.

4.4 Processo de análise dos dados

A análise dos dados deve ser realizada em três etapas “ 1) classificação e organização das informações; 2) estabelecimento das relações existentes entre os dados coletados; [...] 3) tratamento estatístico dos dados” (CARVALHO, 1998, p. 159).

Após classificar e organizar os dados obtidos com a pesquisa, foram vistos os dados que poderiam ser diretamente relacionados com os objetivos do trabalho e os dados que poderiam ser correlacionados com outras questões. Após isto, os dados foram transformados em gráficos e tabelas com descrição em porcentagem dos resultados, utilizando o aplicativo Microsoft Excel para facilitar a visualização dos resultados.

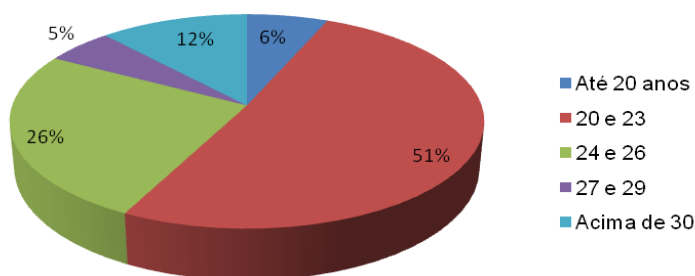
5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Dados Pessoais

As dez primeiras questões referiam-se aos dados pessoais dos universitários entrevistados.

A primeira questão solicitava a idade do entrevistado, dentre cinco faixas etárias, tendo como predominante a faixa entre 20 e 23 anos.

Gráfico 1 – Faixa etária.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A segunda solicitava ao respondente seu enquadramento no sexo feminino ou masculino, tendo 52% dos universitários do sexo masculino e 48% do sexo feminino.

A terceira referia ao estado civil dos universitários. Pode-se identificar que das cinco alternativas disponíveis somente três alternativas foram selecionadas. Não tendo entre os universitários entrevistados nenhum separado ou viúvo.

Quadro 07 – Estado civil.

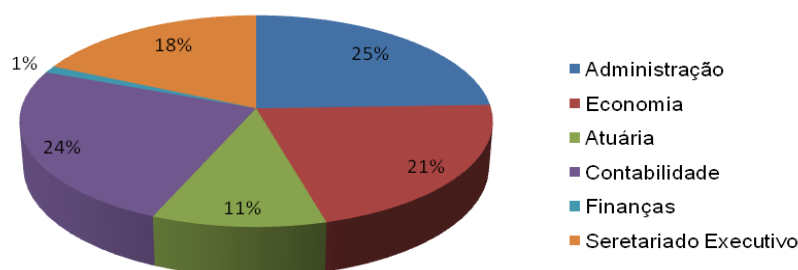
Estado Civil	Quant.	% Ref. ao total
Solteiro	80	85%
Casado	13	14%
Separado	0	0%
Viúvo	0	0%
Outro	1	1%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Na quarta questão o entrevistado respondeu se possuía filhos ou não. Esta questão é importante para os dados pessoais dos entrevistados, pois é possível averiguar se possui algum tipo de dependente financeiro, o que compromete parte de sua renda. Dentre os respondentes 94% afirmaram não possuir filhos, contra os 6% restantes que possuem filhos.

A quinta refere a qual curso da Universidade Federal do Ceará, *campus* FEAAC, o entrevistado está cursando.

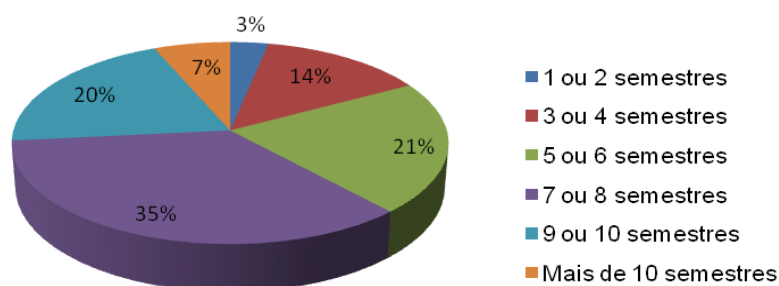
Gráfico 2 – Curso.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Na sexta questão, o universitário assinalava há quanto tempo está cursando a faculdade.

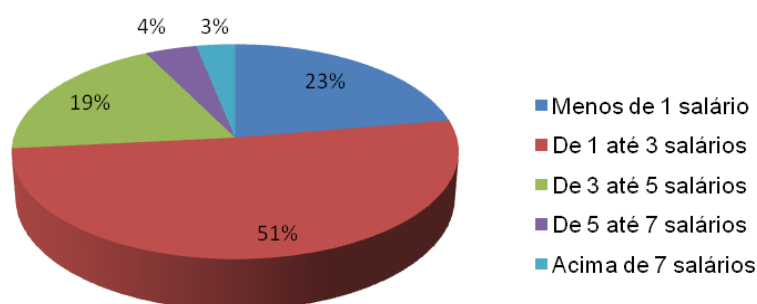
Gráfico 3 – Semestre.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Na questão sete, foi perguntado aos universitários qual sua renda mensal. A renda predominante foi de um até três salários mínimos. Pode-se observar que 23% dos respondentes possuem renda inferior a um salário mínimo, possivelmente referente à bolsa de estágio.

Gráfico 4 - Renda.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Na oitava questão, o respondente informava qual a expectativa de idade para sua aposentadoria. A idade mais alta informada foi de 60 anos, com 32% das repostas.

Quadro 8 – Idade da aposentadoria.

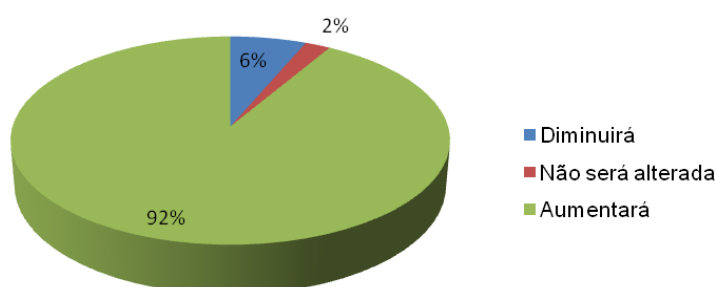
Idade de Aposentadoria	Quant.	% Ref ao total
50	13	14%
51	1	1%
52	1	1%
55	17	18%
57	1	1%
60	30	32%
65	15	16%
70	8	9%
75	1	1%
90	1	1%
Não sabem	6	6%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A nona questão refere-se à expectativa de renda do universitário daqui a cinco anos. Foi questionado se a renda aumentaria devido a promoções, graduação, mudança de emprego, permaneceria a mesma, ou teria diminuição

porque o entrevistado deixaria de trabalhar para estudar para concurso. A maior resposta, com 92%, foi de a renda aumentar. Pode-se concluir que esta maioria refere-se à fase da vida dos universitários em que ocorrem diversas mudanças de empresas e de cargos, devido ao fim do estágio, promoções, efetivação, mudança de setor, entre outros.

Gráfico 5 – Expectativa de renda daqui a cinco anos.

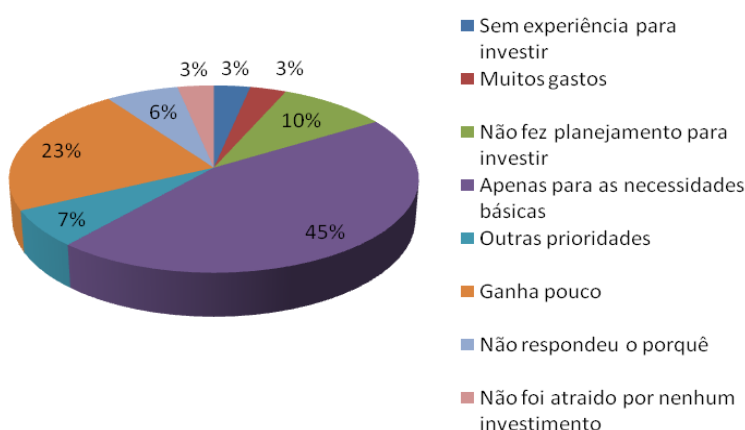


Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A décima pergunta questionou se os universitários guardariam algum valor de seu salário para investir. Verificou-se que 67% dos respondentes investem, contra 33% que não investem em nenhum tipo de aplicação.

Dos entrevistados que reponderam que não guardariam nenhum valor destacou-se como a principal justificativa que a renda ganha só era suficiente para as necessidades básicas, com 45%.

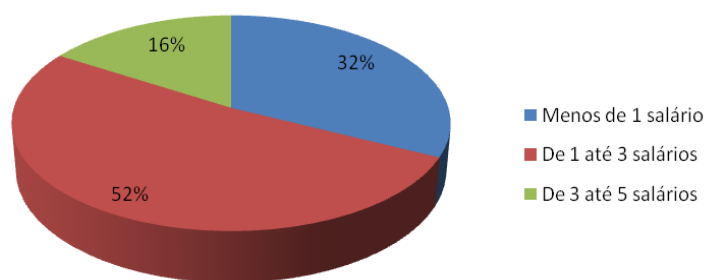
Gráfico 6 -Justificativas para não investir.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os que não guardam nenhum valor para investir, verificou-se que a renda predominante é de um até três salários mínimos, o que não diferencia da resposta predominante dos que investem. Porém não existe nenhum respondente com renda superior a cinco salários mínimos que não investem. Com isto, é possível já determinar que o fator renda não seja determinante para uma pessoa decidir sobre investir ou não. Determina-se que a falta de planejamento do orçamento financeiro é o que falta para se começar a investir.

Gráfico 7 - Renda dos que não investem.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Após a exclusão dos que não investem nenhum valor, tem-se o perfil dos investidores universitários. Este em sua maioria entre 20 e 23 anos (44%), do sexo Masculino (57%), solteiros (79%), não possuem filhos (94%), do curso de Administração (29%), cursando entre o semestre 7 e 8 (33%) e com renda de 1 até 3 salários mínimos (51%).

Quadro 9 – Perfil dos universitários.

Total de investidores		Total	Percentual
Idade	Até 20 anos	4	6%
	20 e 23	28	44%
	24 e 26	18	29%
	27 e 29	3	5%
	Acima de 30	10	16%
Sexo	Feminino	27	43%
	Masculino	36	57%
Estado Civil	Solteiro	50	79%
	Casado	12	19%
	Separado	0	0%
	Viúvo	0	0%
	Outro	1	2%
Filhos	Não	59	94%
	Sim	4	6%
Curso	Administração	18	29%
	Economia	15	24%
	Atuária	5	8%
	Contabilidade	15	24%
	Finanças	0	0%
	Secretariado	10	16%
Semestre	1 ou 2 semestres	2	3%
	3 ou 4 semestres	10	16%
	5 ou 6 semestres	12	19%
	7 ou 8 semestres	21	33%
	9 ou 10 semestres	15	24%
	Mais de 10 semestres	3	5%
Renda	Menos de 1 salário	11	17%
	De 1 até 3 salários	32	51%
	De 3 até 5 salários	13	21%
	De 5 até 7 salários	4	6%
	Acima de 7 salários	3	5%

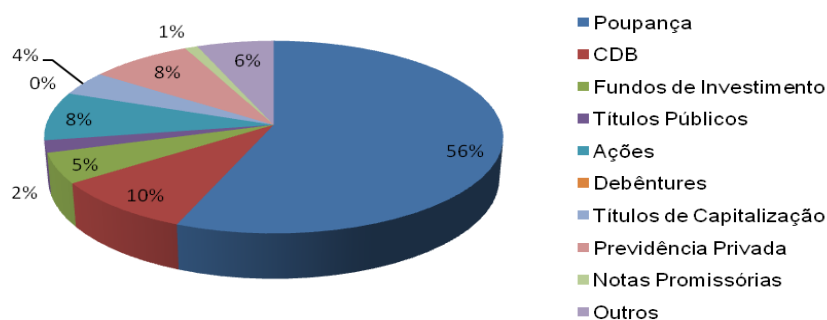
Fonte: Questionário utilizado pela autora.

5.2 Investimentos

As oito questões seguintes (questão 11 até 18) são referentes aos investimentos que os universitários têm e seu perfil de investidor.

Na décima primeira questão, foi solicitado ao respondente que informasse qual investimento era realizado por ele. Verifica-se que a maioria do volume dos investimentos são aplicados em poupança.

Gráfico 8- Volume dos investimentos.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Em relação a quantidade de investidores, verifica-se que o maior investimento utilizado é a poupança, com 87%. Depois vemos o CDB, as Ações e a Previdência Privada. Nenhum investidor informou aplicar em Debêntures.

Quadro 10 – Percentual para cada tipo de investimento.

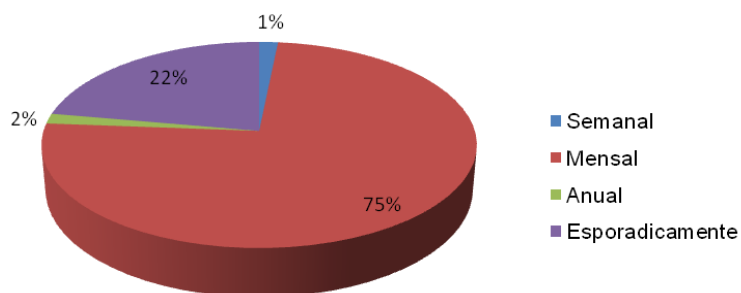
Tipos de Investimentos	Quant. de investidores	% Ref ao total
Poupança	55	87%
CDB	9	14%
Fundos de Investimento	5	8%
Titulos Públicos	2	3%
Ações	8	13%
Debêntures	0	0%
Titulos de Capitalização	4	6%
Previdência Privada	8	13%
Notas Promissórias	1	2%
Outros	6	10%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os outros investimentos indicados pelos aplicadores universitários, foram informados os seguintes investimentos: imóveis, LCA (Letra de Crédito Agrícola), compra e venda de carros, e investimentos empresariais.

A décima segunda questão destinava saber dos entrevistados a frequência que seus aportes são realizados. Verificou-se que a maioria realiza aportes mensais em seus investimentos.

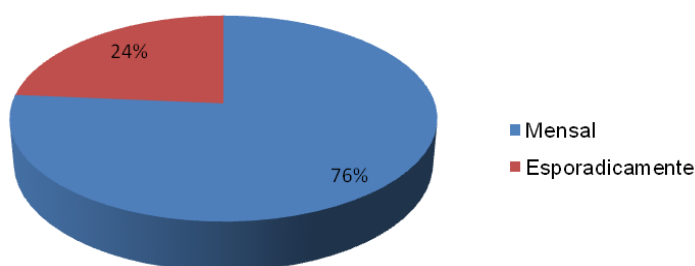
Gráfico 9 - Frequência dos aportes.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Os investidores que utilizam a poupança como o principal investimento, seguem a mesma resposta da frequência dos aportes com 76% aplicando mensalmente na poupança.

Gráfico 10 - Frequência dos aportes de quem aplica em poupança.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Relacionando a questão sete com a questão doze, a renda com a constância dos aportes, verifica-se que 100% dos universitários com renda maior que sete salários mínimos aplicam mensalmente em seus investimentos. Porém não se pode afirmar que quanto maior a renda maior a frequência, já que o percentual dos investidores com menos de um salário mínimo que aplicam mensalmente (82%) é maior dos que ganham de cinco até sete salários mínimos (75%).

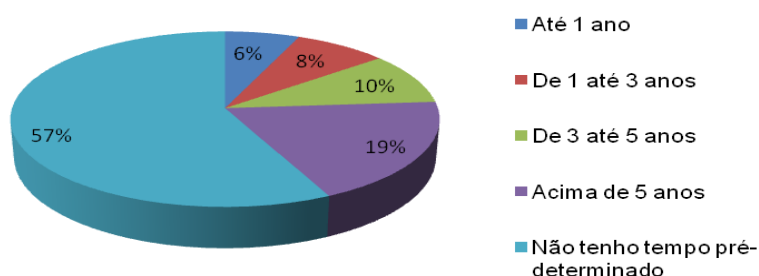
Quadro 11 - Frequência dos aportes de acordo com a renda.

Renda	Frequência dos aportes			
	Semanal	Mensal	Anual	Esporadicamente
Menos de 1 salário	0%	82%	0%	18%
De 1 até 3 salários	3%	72%	3%	22%
De 3 até 5 salários	0%	69%	0%	31%
De 5 até 7 salários	0%	75%	0%	25%
Acima de 7 salários	0%	100%	0%	0%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A décima terceira questão solicitava ao universitário informar qual o horizonte temporal pretendido com suas aplicações. A menor parcela dos entrevistados esperava deixar seus investimentos em menos de um ano.

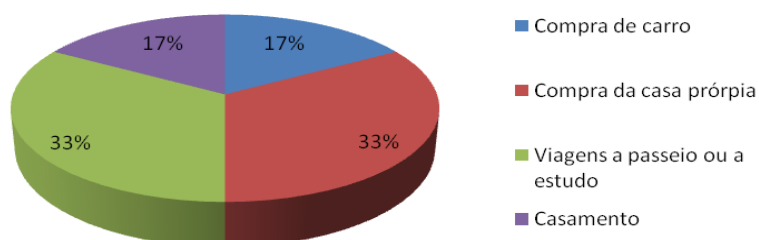
Gráfico 11 – Horizonte temporal dos investimentos.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Os investidores que desejam ter seus investimentos em menos de um ano já tinham um objetivo específico, estes sendo: compra da casa própria, compra de carro, viagem a passeio e gastos com casamento.

Gráfico 12 – Objetivos para os investimentos com menos de 1 ano.

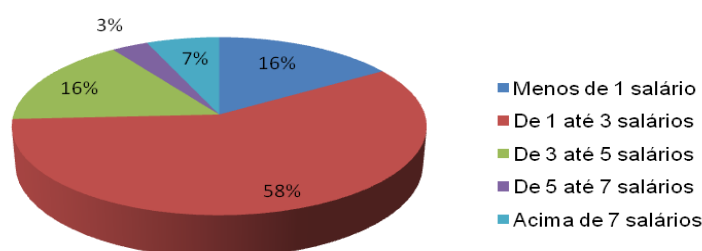


Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Na décima terceira questão, solicitou-se ao investidor que informasse se teria reserva de capital para seis meses, em caso de emergência. Dentre os respondentes, 51% possuíam esta reserva e 49% não a possuíam.

Com base na intersecção entre as questões sete e treze, (renda mensal e a reserva para seis meses em uma emergência), verifica-se que 74% dos universitários que ganham até três salários mínimos, não têm reserva de capital para emergência.

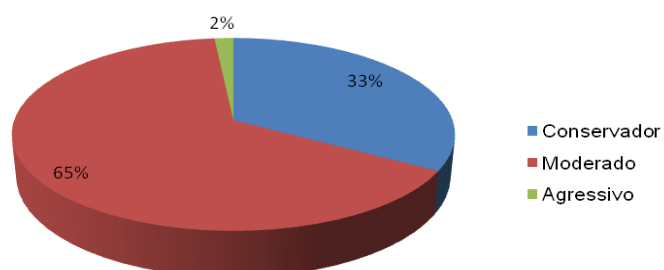
Gráfico 13 – Renda dos que não possuem reserva de capital para seis meses.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Na décima quinta pergunta, foi solicitado que o respondente assinalasse em qual perfil de investidor mais se encaixaria. Os três perfis foram descritos com base no risco que o investidor poderia assumir em suas aplicações. De acordo com as respostas, averiguou-se que 65% dos universitários consideraram-se de perfil moderado.

Gráfico 14 - Perfil dos Universitários.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Apesar de descreverem que podem assumir um risco maior, a maioria dos investidores com perfil moderado (41 investidores), aplica predominantemente em poupança, garantindo uma parte da carteira em um investimento seguro, seguido de aplicações em ações.

Quadro 12 – Principais investimentos do perfil moderado.

Tipos de Investimentos	Quant. de investidores	% Ref ao total
Poupança	29	71%
CDB	4	10%
Fundos de Investimento	4	10%
Títulos Públicos	2	5%
Ações	7	17%
Debêntures	0	0%
Títulos de Capitalização	2	5%
Previdência Privada	5	12%
Notas Promissórias	1	2%
Outros	4	10%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Inter-relacionando as questões dos dados pessoais, pode-se afirmar que 56% das mulheres entrevistadas são do perfil moderado e 72% dos homens tem este perfil.

Quadro 13 – Sexo dos investidores com perfil moderado.

Sexo	Total	Percentual
Feminino	15	56%
Masculino	26	72%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Em relação aos entrevistados casados, pode-se afirmar que 55% são também de perfil moderado.

Quadro 14 – Perfil dos investidores casados.

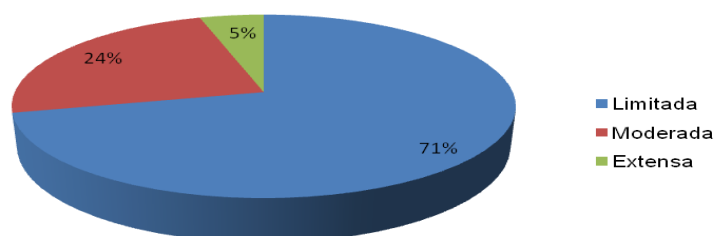
Estado Civil	Perfil	Total	Percentual
Casado	Conservador	5	45%
	Moderado	6	55%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Existiu um único respondente que informou ser de perfil arrojado e este do curso de Economia e do sexo Masculino.

Na décima sexta questão, foi solicitado que informasse qual o nível de experiência no mercado financeiro. De acordo com as respostas, detectou-se que os universitários consideram que suas experiências são limitadas e restritas, o que iguala com o resultado do principal tipo de investimento utilizado, a poupança.

Gráfico 15 - Experiência no mercado financeiro.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os universitários com experiência limitada, pode-se verificar que o curso que possui o maior percentual de alunos com pouca experiência é o de Secretariado Executivo, com 100%. Retirando o curso de Finanças que não possui nenhum investidor, o curso com menor percentual é o de Atuária, com 50% dos alunos com conhecimento reduzido do mercado financeiro.

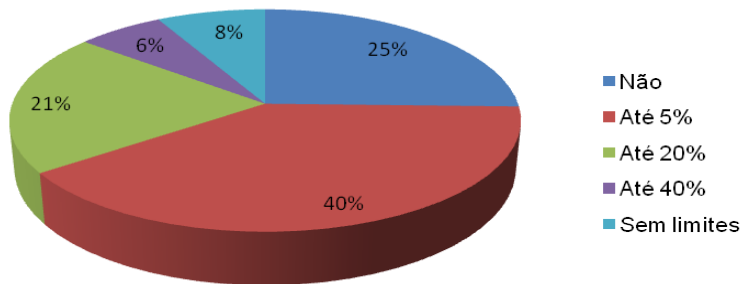
Quadro 15 - Experiência no mercado financeiro por curso.

Curso	Total dos alunos que investem	Total com Experiência Limitada	% Ref. Ao Total
Administração	15	19	79%
Economia	9	15	60%
Atuária	2	4	50%
Contabilidade	11	15	73%
Finanças	0	0	0%
Seretariado Executivo	10	10	100%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A décima sétima questão interrogou se o investidor aceitaria fazer aplicações em ações. Das respostas, 40% informaram que poderia investir até 5% de sua carteira em ações. O que vai ao encontro com o perfil predominante dos respondentes, o moderado.

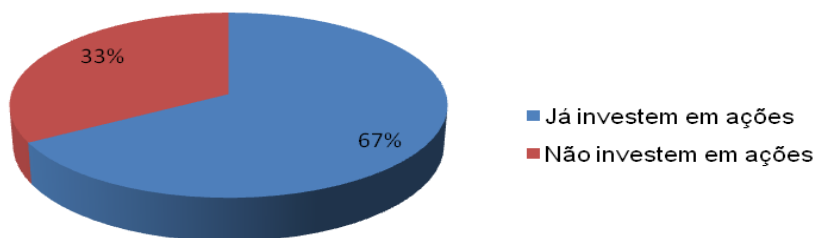
Gráfico 16 - Aplicação em ações.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os universitários que aceitam investir até 40% ou não tem limites para investir em ações, 67% informaram na questão onze que já investem em ações.

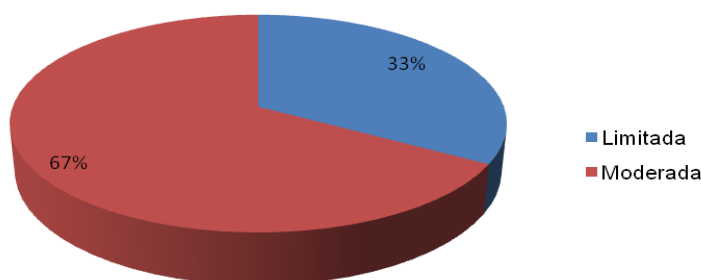
Gráfico 17 - Aplicação em ações dos que informaram poder aplicar a partir de 40%.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Com o mesmo percentual de 67%, os universitários que aceitam até 40% ou sem limites investir em ações, consideram que suas experiências no mercado financeiro são moderadas. Conforme visto, estes investidores possuem uma maior experiência tanto no mercado financeiro quanto nos tipos de investimentos.

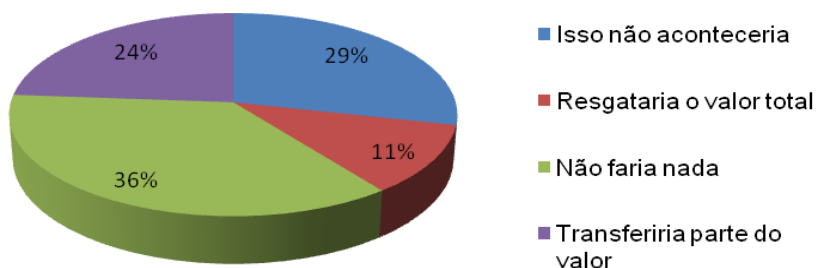
Gráfico 18 – Experiência dos que aceitam investir muito em ações.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A décima oitava solicitava que o universitário informasse o que faria caso tivesse uma desvalorização de 10% em sua carteira no prazo de doze meses. Dos investidores, 29% informaram que não teriam nem feito este tipo de investimento por ser considerado de alto risco e 35% informaram que iriam fazer alterações em sua carteira devido à desvalorização.

Gráfico 19 - Atitude sobre desvalorização da carteira.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dos investidores com experiência limitada no mercado financeiro, 94% não teriam realizado o referido investimento exposto na questão anterior. Comprovando que para um investimento mais arriscado, o aplicador precisa ter conhecimento do mercado para poder investir e conseguir atingir seus objetivos.

Quadro 16 – Investimento de alto risco dos universitários com experiência limitada.

Perfil	Quantidade	% Ref. ao total
Limitada	17	94%

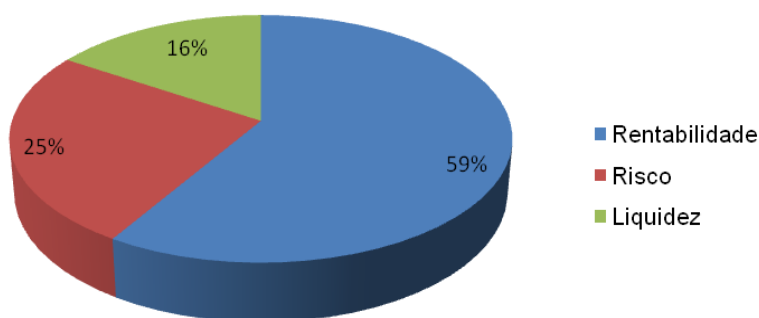
Fonte: Questionário utilizado pela autora.

5.3 Princípios de Investimento

Na terceira parte do questionário, o entrevistado respondeu sete questões referentes aos princípios de investimentos e as suas principais características.

Na décima nona questão, foi requerido que o entrevistado escolhesse dentre as três características do investimento aquela que considerasse como a principal para a escolha correta da aplicação. A rentabilidade foi escolhida como a principal característica com 59%, o que coincide com a pesquisa feita pela Anbid, informada no segundo capítulo deste trabalho.

Gráfico 20 - Principal característica analisada.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Relacionando a décima nona questão, com a diversificação, perfil e aplicações em ações, pode-se notar alguns pontos. A diversificação não é tão utilizada pelos três grupos. O perfil conservador é adotado coerentemente pelo grupo dos que consideram a primeira característica o risco, já que o perfil conservador não admite alto risco em seus investimentos. Já os dois outros grupos preferem o perfil moderado. Os únicos respondentes do perfil agressivo são do grupo da rentabilidade. Em relação a aplicação em ações, nota-se que

o grupo do risco em sua maioria não admitem aplicação em ações, já que este tipo de aplicação é de alto risco. O grupo da rentabilidade é o único que possui respondentes que consideram não ter limites para investir em ações, já que o importante para este grupo é o retorno do investimento.

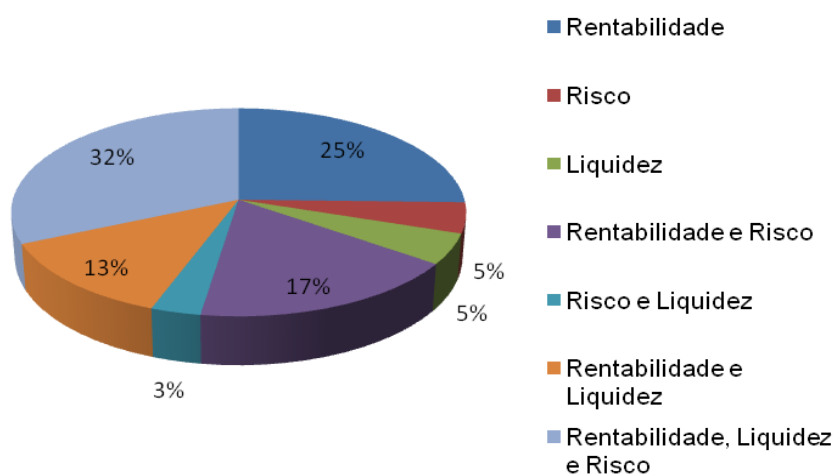
Quadro 17 – Rentabilidade x Risco x Liquidez

		Rentabilidade	Risco	Liquidez
Diversificação	Não	62%	69%	60%
	Sim	38%	31%	40%
Perfil	Conservador	30%	56%	10%
	Moderado	68%	44%	90%
	Agressivo	3%	0%	0%
Ações	Não	19%	44%	20%
	Até 5%	38%	38%	50%
	Até 20%	24%	13%	20%
	Até 40%	5%	6%	10%
	Sem limites	14%	0%	0%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A vigésima questão abordava se o universitário analisa o histórico das características (rentabilidade, risco e liquidez) antes de investir. Conforme mostra o gráfico, 32% afirmaram analisar as três características, seguindo de 25% que afirma analisar somente a rentabilidade.

Gráfico 21 - Análise do histórico dos princípios de investimento.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Comparando a análise dos três fatores com a experiência no mercado financeiro, pode-se concluir que o grau de experiência não interfere na

quantidade de características analisadas. Dentre os três níveis de experiência o percentual que analisa os três fatores é praticamente o mesmo.

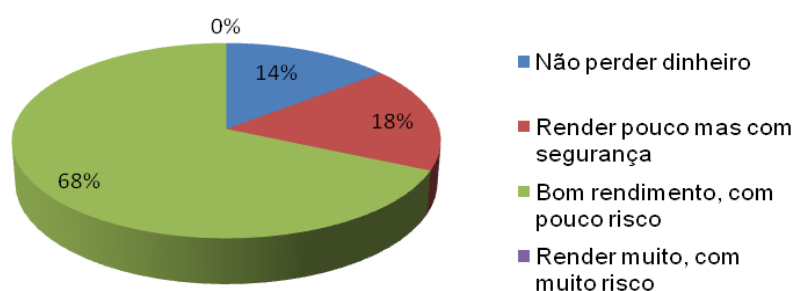
Quadro 18 – Experiência x Fatores analisados.

Experiência	Quantidade	% Ref ao total
Limitada	14	31%
Moderada	5	33%
Extensa	1	33%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A vigésima primeira questão colocou quatro frases referentes à rentabilidade para o investidor escolher a que mais adequava a seu perfil. Dentre elas, a opção mais escolhida foi ter um bom rendimento, mas assumindo pouco risco, com 68%. O que vai ao encontro com o perfil mais selecionado pelos investidores, o moderado.

Gráfico 22 - Importância da rentabilidade.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Apesar de informar que aceitam correr pouco risco nos investimentos para ter um bom rendimento (68%), muitos ainda aplicam na poupança. Pode-se concluir que a pouca experiência no mercado financeiro influencia a tomada de decisão sobre qual tipo investir, pois apesar de terem condições de assumir risco, não assumem.

Quadro 19 – Investimentos dos que aceitam algum tipo de risco.

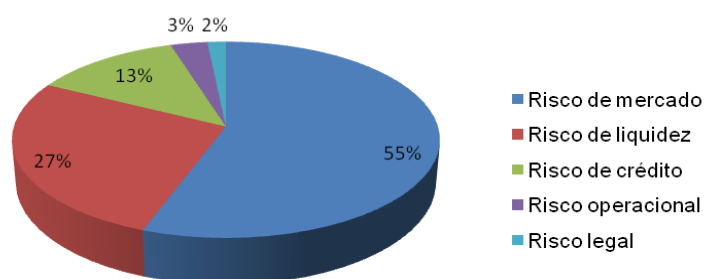
Tipos de Investimentos	Quant. de investidores	% Ref ao total
Poupança	37	86%
CDB	7	16%
Fundos de Investimento	5	12%
Títulos Públicos	2	5%
Ações	9	21%
Títulos de Capitalização	1	2%
Previdência Privada	4	9%
Notas Promissórias	1	2%
Outros	4	9%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os 37 entrevistados que aplicam em poupança, 21 aplicam exclusivamente nesta modalidade de investimento. Portanto, 49% dos entrevistados que informaram poder assumir algum tipo de risco investem somente na poupança.

Na vigésima segunda foi requerido que o investidor informasse qual risco considerava o mais perigoso. Com 55% foi escolhido o risco de mercado, que se refere ao risco das oscilações dos preços. Este risco está diretamente relacionado com a rentabilidade. Pode-se afirmar que o retorno financeiro e a possível perda deste retorno são os critérios primordiais na escolha dos investimentos.

Gráfico 23 - Risco mais perigoso.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os universitários que apontam como principal o risco de mercado, 63% selecionaram como a principal característica a rentabilidade.

Quadro 20 - Risco de mercado x Principais características.

Fatores	Quantidade	% Ref ao total
Rentabilidade	22	63%
Risco	8	23%
Liquidez	5	14%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A maioria dos respondentes, mesmo informando considerar o risco de liquidez o mais perigoso (27%), não consideram a liquidez como principal característica para a determinação do investimento (24%).

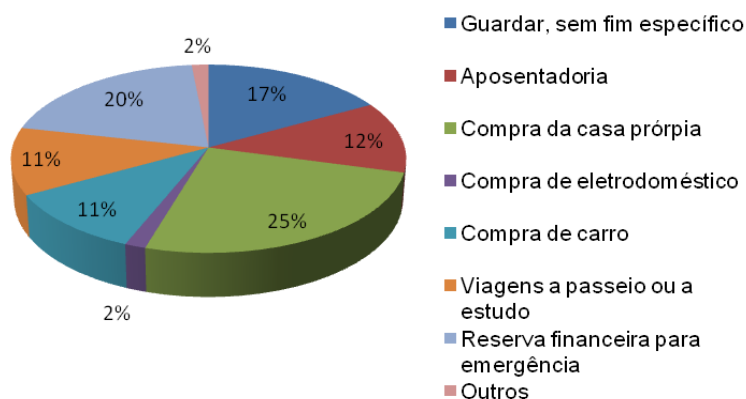
Quadro 21 - Risco de liquidez x Principais características.

Fatores	Quantidade	% Ref ao total
Rentabilidade	8	47%
Risco	5	29%
Liquidez	4	24%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A vigésima terceira questão pediu ao respondente que informasse quais os objetivos com seus investimentos. Dos recursos investidos 38% (25% da casa própria, 11% da compra de carro e 2% compra de eletrodomésticos) já tem destino específico, a compra de bens duráveis. Os outros objetivos citados pelos universitários foram gastos com casamento e acúmulo de capital para investimento no próprio negócio.

Gráfico 24 - Objetivo do investimento.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Relacionando os tipos de investimentos com a finalidade dos mesmos, verifica-se que apenas 24% dos entrevistados que aplicam para a aposentadoria, possuem previdência privada. Pode-se afirmar que a maioria dos investidores que guardam para a aposentadoria utilizam outros meios de acúmulo de capital.

Para os investidores que estão casados, os objetivos mais importantes com 58% são a compra da casa própria e reserva financeira para emergência.

Quadro 22 - Objetivo do dos universitários casados.

Objetivo	Quantidade	% Ref ao total
Compra da casa própria	7	58%
Reserva financeira para emergência	7	58%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os cinco cursos que possuem respondentes que investem, todos os cinco (Economia, Secretariado, Atuária, Contabilidade e Administração) possuem como principal objetivo de investimento a compra da casa própria. Porém, os cursos de Atuária e Contabilidade possuem outro objetivo de investimento de igual proporção. O curso de Atuária possui como principal objetivo também a reserva financeira para emergência, e o curso de Contabilidade possui a guarda de capital sem fim específico.

O único curso que possui todos os objetivos de investimento selecionados é o curso de Economia. E o curso que possui menos objetivos selecionados é o de Secretariado, na qual não foram selecionados os objetivos de compra de eletrodoméstico e a guarda de capital, sem fins específicos.

Dentre os investidores que aplicam com objetivo de aposentadoria pode-se destacar que a maioria dos que investem com este fim são os entrevistados de 20 à 26 anos. Pode-se afirmar que a idade não é fundamental para a escolha deste tipo de investimento.

Quadro 23 – Idade x Aposentadoria.

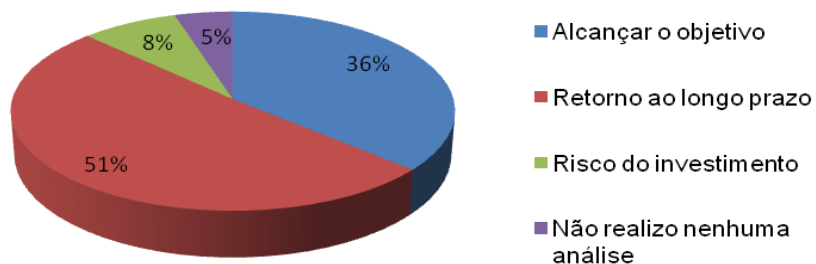
Idade	% Ref. ao Total
Até 20 anos	0%
20 e 23	38%
24 e 26	38%
27 e 29	0%
Acima de 30	25%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Dentre os investidores que possuem filhos, 75% investem tendo como objetivo a reserva financeira para emergência e 50% guardam, sem fins específicos. Pode-se afirmar que este perfil de investidor tem objetivos claros de guardar dinheiro para qualquer ocorrência fora do previsto.

A vigésima quarta questão trazia quatro opções sobre o que seria importante na ótica dos universitários sobre o horizonte temporal dos investimentos. Verificou-se que 51% destes consideravam o retorno financeiro obtido pelo investimento a longo prazo o mais importante.

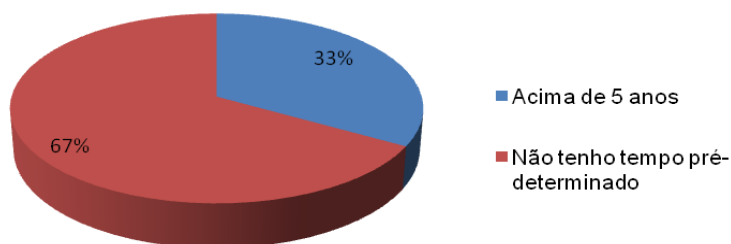
Gráfico 25 - Importância do horizonte temporal.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

Os universitários que informaram não realizar nenhuma análise sobre o horizonte temporal possuem investimentos exclusivos em poupança (100%) e pretendem deixar suas aplicações por um longo prazo ou sem tempo determinando.

Gráfico 26 – Horizonte temporal dos que informaram não fazer análise.



Fonte: Questionário utilizado pela autora.

A vigésima quinta questionava se o universitário fazia algum tipo de diversificação de sua carteira dentro de um mesmo tipo de investimento. De acordo com a pesquisa observa-se que este tipo de diversificação é pouco utilizado, apenas 27% utilizam este mecanismo como forma de diminuir os riscos, contra 73% que não diversificam.

Com base na questão onze, pode-se verificar que a diversificação entre os diferentes tipos de investimento são mais utilizadas, porém nem a metade dos investidores utiliza deste recurso. Somente 37% diversificam entre os investimentos e 63% não diversificam.

Relacionando os dois resultados, tem-se que 64% dos entrevistados que diversificam dentro de um mesmo tipo de investimento, também diversificam entre investimentos diferentes.

Após análise das questões, pode-se distinguir os investidores pelo sexo. De acordo com o Quadro 24, o perfil dos investidores dos dois sexos é o mesmo: aplicam a maioria em poupança, tendo como principal objetivo a compra da casa própria, consideram seu perfil de investidor como moderado, tem experiência no mercado financeiro limitada e determinam a rentabilidade como principal característica a ser analisada na decisão do investimento.

Porém, podem ser feitos alguns levantamentos: os homens costumam diversificar mais seus investimentos, destacando além da poupança, CDB, Ações e Previdência Privada. Nenhuma mulher tem o objetivo de comprar eletrodomésticos. Não há nenhuma mulher com perfil agressivo e nenhum homem com experiência extensa no mercado financeiro.

Quadro 24 – Sexo x Perfil.

		Feminino	Masculino
Investimentos	Poupança	89%	92%
	CDB	4%	22%
	Fundos de Investimento	4%	6%
	Títulos Públicos	0%	3%
	Ações	4%	17%
	Títulos de Capitalização	7%	6%
	Previdência Privada	7%	17%
	Notas Promissórias	0%	0%
	Outros	11%	8%
Objetivos	Guardar, sem fim específico	33%	36%
	Aposentadoria	26%	28%
	Compra da casa própria	48%	56%
	Compra de eletrodoméstico	0%	6%
	Compra de carro	33%	17%
	Viagens a passeio ou a estudo	26%	19%
	Reserva financeira para emergência	37%	44%
	Outros	0%	0%
Característica	Rentabilidade	59%	58%
	Liquidez	7%	22%
	Risco	33%	19%
Perfil	Conservador	44%	25%
	Moderado	56%	72%
	Agressivo	0%	3%
Experiência	Limitado	89%	64%
	Moderado	7%	36%
	Extensa	4%	0%

Fonte: Questionário utilizado pela autora.

6 CONCLUSÃO

Com o proposto de analisar o perfil dos universitários da Universidade Federal do Ceará, *campus* FEAAC, através de uma pesquisa de campo do tipo quantitativa-descritiva, pode-se fazer o levantamento teórico sobre os princípios, perfis e tipos de investimentos.

O tema abordado é de extrema importância para a vida financeira dos universitários, uma vez que para alcançar um objetivo que necessite desembolso financeiro, sem a necessidade de endividamento, um investimento é necessário, mesmo que seja por um curto horizonte temporal.

Para atingir os objetivos (geral e específicos) propostos neste trabalho, a pesquisa de campo foi de suma importância, já que só teríamos estes resultados após sua aplicação e análise. Foi possível identificar que o perfil dos investidores universitários, interligando questões existentes no questionário.

O dados pessoais dos universitários investidores em sua maioria são entre 20 e 23 anos (44%), do sexo masculino (57%), solteiros (79%), não possuem filhos (94%), do curso de administração (29%), cursando entre o semestre 7 e 8 (33%) e com renda de 1 até 3 salários mínimos (51%).

O perfil de investidor detectado na pesquisa foi o perfil moderado de acordo com o risco que o investidor teria possibilidade de investir (65%) e com a possibilidade de possuir em sua carteira de investimento até 5% em ações (40%). Entretanto, temos investidores com experiência limitada no mercado financeiro (71%).

Os objetivos específicos também foram devidamente encontrados na pesquisa. Os universitários analisam antes de investir o histórico da rentabilidade, risco e liquidez (32%), porém usam como fator determinante para a escolha a rentabilidade (59%). Utilizam da poupança (87%) como o principal tipo de investimento para atingir seus objetivos, estes sendo: a compra da casa própria (25%), reserva para emergência financeira (20%) e a guarda sem fim específico (17%).

Pode-se destacar como fator relevante que apesar de a maioria dos entrevistados terem aceitabilidade para assumir risco sendo do perfil moderado (65%) e para aplicar em ações (75%), os investidores ainda utilizam a poupança como principal fonte de investimento. Conclui-se que apesar de

estarem dispostos a assumir o risco de investimentos mais agressivos, não possuem o devido conhecimento do mercado financeiro para tal fato (somente 5% responderam ter experiência extensa no mercado) e pelo fator cultural passado entre as gerações. Em relação à diversificação, pode-se notar que este recurso é pouco utilizado tanto na diversificação em um mesmo investimento (27%), quanto em investimentos diferentes (37%).

Em relação à hipótese levantada que o principal perfil dos universitários era conservador em relação a seus investimentos, não foi concretizado. Visto que sua maioria tem o perfil moderado e estão propensos a assumir algum tipo de risco, evidenciado também na vigésima primeira questão, onde afirmam que querem ter um bom rendimento, com pouco risco (68%).

Já a hipótese de que as aplicações são feitas em investimentos mais comuns, foi confirmada. Conforme já mencionado, tem-se a poupança como principal fonte de investimento.

Por fim, a grande importância deste estudo foi a possibilidade de verificar como os jovens universitários estão investindo seu dinheiro para o alcance de seus objetivos atuais e futuros e formar um perfil predominante característico dos jovens universitários da Universidade Federal do Ceará, *campus* FEAAC.

REFERÊNCIAS

As regras da Poupança mudaram. Saiba mais. (Em: <<http://www.itau.com.br/investimentos/>> Acesso em: 02 outubro 2012).

As 10 leis do investimento em imóveis. (Em: <<http://www.investimentoemimovel.com.br/as-10-leis-do-investimento-em-imoveis/>> Acesso em: 19 setembro 2012).

Associação das Empresas Distribuidoras de Valores. Manual de Investimento. 8. ed. São Paulo, 1979.

BORGES, Diego Lazzaris. Um quintos dos jovens investidores tem plano de previdência, diz pesquisa. Em: <<http://www.infomoney.com.br/minhas-financas/noticia/2149842/quinto-dos-jovens-investidores-tem-plano-previdencia-diz-pesquisa>> Acesso em: 03 setembro 2012.

BRUNI, Adriano Leal. Mercados financeiros: para certificação profissional ANBID 10 (CPA – 10). São Paulo: Altas, 2005.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. Construindo o saber – Metodologia científica: fundamentos e técnicas. 2 ed. Campinas: Papirus, 1989.

Certificação Profissional ANBID. Certificação Profissional ANBID – série CPA 10 – Módulo IV - Princípios de Investimento. Versão 2008. BankRisk. (Em: <[http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila_Mod+ IV - Principios de investimento.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/20389472/1308028323/name/Apostila_Mod+IV_-_Principios_de_investimento.pdf)> Acesso em: 26 setembro 2012)

D'ANDRÉA, Gabriela. Investidores brasileiros ainda são conservadores, como mostra pesquisa. Em: <<http://www.infomoney.com.br/onde-investir/noticia/2537094/Investidores-brasileiros-ainda-sao-conservadores-mostra-pesquisa>> Acesso em: 03 setembro 2012

ENTENDA o que são o risco, a rentabilidade e a liquidez de um investimento. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 janeiro 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/364938-entenda-o-que-sao-o-risco-a-rentabilidade-e-a-liquidez-de-um-investimento.shtml>>. (Acesso em: 04 setembro 2012)

Equipe AE, Poupança já chega a mais de 100 milhões de brasileiros. (Em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/97656_POUPANCA+JA+CHEGA+A+MAIS+DE+100+MILHOES+DE+BRASILEIROS> Acesso em: 01 outubro 2012).

FORTUNA, Eduardo. Mercado Financeiro: produtos e serviços. 18. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos da metodologia científica. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003, 183 p.

MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisas: planejamento e execução de pesquisas e interpretações e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.

MONTEIRO, Luciana. Investidor olha mais rentabilidade do que risco. Em: <<http://www.fazenda.gov.br/resenhaeletronica/MostraMateria.asp?page=&cod=558912>> Acesso em: 10 setembro 2012.

Redação Administradores. Maioria dos brasileiros prefere poupança na hora de investir, segundo pesquisa. (Em: <<http://www.administradores.com.br/informese/economia-e-financas/maioria-dos-brasileiros-prefere-poupanca-na-hora-de-investir-segundo-pesquisa/55159/>> Acesso em: 18 setembro 2012)

RODRIGUES, Auro de Jesus. Metodologia Científica. São Paulo: Avercamp, 2006.

RUDGE, Luiz Fernando. Mercado de Capitais. 4. ed. Belo Horizonte: CNBV, 1998.

RÚDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. Cálculo amostral: calculadora on-line. (Em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>> Acesso em: 25 outubro 2012).

SILVA NETO, Lauro de Araújo. Guia de Investimentos. São Paulo: Atlas, 2003.

TOSCANO JÚNIOR, Luis Carlos. Guia de referência para o mercado financeiro. São Paulo: EI – Edições Inteligentes, 2004.

(Em:< http://www.feaac.ufc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=23&Itemid=29 > Acesso em: 09 outubro 2012).

APÊNDICE A



Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e
Secretariado – FEAAC
Curso de Administração

Esta pesquisa tem como objetivo definir o perfil dos investidores universitários, para o trabalho de conclusão de curso. O questionário se divide em três áreas. A primeira área refere-se aos dados pessoais (questões 1 a 10), a segunda, sobre os tipos de investimentos (questão 11 a 18), e a última, sobre os princípios de investimento (questões 19 a 25).

Tema da monografia: ANÁLISE DO PERFIL DOS INVESTIDORES UNIVERSITÁRIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS FEAAC.

DADOS PESSOAIS

1-Idade:

- a) Até 20 anos b) Entre 20 e 23 anos c) Entre 24 e 26 anos d) Entre 27 e 29 anos e) De 30 acima.

2- Sexo:

- a) Feminino b) Masculino

3- Seu estado civil:

- a) Solteiro b) Casado c) Separado d) Viúvo e) Outro:

4- Possui filhos?

- a) Não. b) Sim. Quantos? _____

5 – Qual seu curso?

- a) Administração b) Economia c) Atuária d) Contabilidade e) Finanças
f) Secretariado Executivo

6 – Há quanto tempo está na faculdade?

- a) 1 ou 2 semestres b) 3 ou 4 semestres c) 5 ou 6 semestres
d) 7 ou 8 semestres e) 9 ou 10 semestres f) Mais
de 10 semestres

7- Sua renda mensal:

- a) Menos de 1 salário mínimo b) De 1 até 3 salários mínimos c) De 3 até 5 salários mínimos
d) De 5 até 7 salários mínimos e) Acima de 7 salários mínimos

8 – Com quantos anos você planeja aposentar-se? _____

9 – Qual é sua expectativa de renda para os próximos 5 anos?

- a) Pode diminuir, pois deixarei de trabalhar para estudar para concurso, depois da graduação.
b) Não deve ser alterada.
c) Renda maior, devido à promoção, mudança de empresa, graduação, etc.

10 – Você reserva parte de seu salário para investir?

- a) Não. Porque? _____
b) Sim.

- Em caso positivo, responda as questões seguintes:

INVESTIMENTOS

11 – Em qual(is) investimento(s) você aplica (pode marcar quantas opções estiverem corretas)?

- a) Poupança b) CDB c) Fundos de Investimento d) Títulos Públicos
 e) Ações f) Debêntures g) Títulos de Capitalização
 h) Previdência Privada i) Notas Promissórias j) Outros.

Qual? _____

12 – Qual a frequência de seus aportes (suas aplicações)?

- a) Semanal b) Mensal c) Anual d) Esporadicamente

13 – Por quanto tempo você pretende manter suas aplicações?

- a) Até 1 ano b) De 1 até 3 anos c) De 3 até 5 anos d) Acima de 5 anos
 e) Não tenho tempo pré-determinado

14 – Em uma emergência, você possui reserva para 6 meses de despesas mensais?

- a) Não b) Sim

15 – Você considera seu perfil como:

- a) Conservador: não arrisco. b) Moderado: posso assumir algum tipo de risco.
 c) Agressivo: assumo risco e gosto de investimentos a longo prazo.

16 – Como você considera sua experiência com o mercado financeiro?

- a) Limitada: tenho pouco conhecimento fora da poupança e renda fixa.
 b) Moderada: tenho experiência e posso aplicar em ações e fundos.
 c) Extensa: tenho muita experiência e sei tomar minhas próprias decisões.

17 – Você aceitaria investir em ações?

- a) Não. b) Sim, até 5 % da carteira. c) Sim, até 20%. d) Sim, até 40 %.
 e) Não tenho limitações para aplicar em ações.

18 – Caso você aplicasse em um investimento de alto risco e tivesse uma desvalorização de 10% de sua carteira, em 12 meses, o que você faria?

- a) Isso não aconteceria, pois não investiria nesse tipo de investimento. b) Resgataria o valor total
 c) Não faria nada na minha carteira. d) Transferiria uma parte para outro investimento.

PRINCÍPIOS DE INVESTIMENTO

19 – Quando você escolhe o investimento, qual a principal característica que você analisa (escolha uma característica):

- a) Rentabilidade (retorno financeiro) b) Risco (insegurança da operação)
 c) Liquidez (conseguir transformar o investimento em espécie novamente)

20 – Em relação ao seu investimento, você analisa o histórico da:

- a) Rentabilidade b) Risco c) Liquidez d) Rentabilidade e Risco
 e) Risco e Liquidez f) Rentabilidade e Liquidez
 g) Rentabilidade, Liquidez e Risco

21 – O importante para você, em relação à rentabilidade, é:

- a) Não perder dinheiro. b) Render pouco, mas com segurança.
 c) Ter um bom rendimento, mas assumindo pouco risco. d) Render muito, mas correndo muito risco

22 – Qual o risco que você considera o mais perigoso?

- a) risco de mercado (oscilação dos preços). b) risco de liquidez (não conseguir vender seu ativo).
 c) risco de crédito (falta de pagamento do título). d) risco operacional (falhas operacionais).
 e) risco legal (erros na documentação)

23 – Qual o objetivo de seu investimento? (pode marcar quantas opções estiverem corretas):

- a) para guardar, sem fim específico. b) aposentadoria. c) compra de casa própria.
 d) compra de eletrodoméstico. e) compra de um carro. f)

viagens a passeio ou a estudo g) reserva financeira para emergência h) Outros.
Quais? _____

24 – Em relação ao horizonte temporal (tempo que o investimento ficará aplicado) do investimento, você leva em consideração:

- a) o alcance do seu objetivo. b) o retorno que ele pode oferecer a longo prazo.
c) o risco do investimento. d) não realiza qualquer análise.

25 – Você diversifica em um mesmo tipo de investimento? (ex: ações em diferentes setores; CDB em diferentes bancos; diferentes títulos públicos).

- a) Sim b) Não